

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CAMPUS DE ITABAIANA - DQCI

**SUPERVISORES DO PIBID QUÍMICA: O QUE O PROGRAMA TEM A
OFERECER A SUA FORMAÇÃO?**

THAYLLA MONIZA DE SÁ OLIVEIRA

ITABAIANA – SE

2021

THAYLLA MONIZA DE SÁ OLIVEIRA

**SUPERVISORES DO PIBID QUÍMICA: O QUE O PROGRAMA TEM A
OFERECER A SUA FORMAÇÃO?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na disciplina Pesquisa em Ensino de Química II do Departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, como requisito parcial para aprovação, conforme Resolução 055/2010 do CONEPE.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima

ITABAIANA – SE

2021

THAYLLA MONIZA DE SÁ OLIVEIRA

**SUPERVISORES DO PIBID QUÍMICA: O QUE O PROGRAMA TEM A
OFERECER A SUA FORMAÇÃO?**

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Pesquisa em Ensino de Química II.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima (Orientador)

Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a MSc.^a Thayná Souza dos Santos

Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a Alexandra Epoglou

Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA – SE

2021

DEDICATÓRIA

*Dedico este TCC à Deus, que me deu luz
e sabedoria para concluir este trabalho.*

*Aos meus pais Creuza e Miúdo,
exemplos de amor, carinho, honestidade
e perseverança e a toda a minha família,
por acreditar sempre em mim.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que esteve ao meu lado e me deu força e ânimo para não desistir e continuar lutando por este objetivo de vida, não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos. A Ele eu devo minha gratidão!

Agradeço à minha mãe Creuza, que sempre foi a minha maior fonte de inspiração e força. Sou grata também, ao meu pai Miúdo, por sempre acreditar e apoiar todos os meus sonhos. Amo vocês!

Agradeço ao meu namorado Léo, sem o seu apoio e companheirismo esse TCC não seria possível. Obrigada por ser tão atencioso e por entender minha ausência em diferentes momentos. Te amo!

A minha família e a todos os meus amigos meu agradecimento, porque nunca duvidaram da minha capacidade e tornaram possível a realização do meu objetivo.

Um agradecimento infinito ao meu orientador João Paulo Mendonça Lima, por compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência. Obrigada, por exigir de mim muito mais do que eu imaginava ser capaz de fazer.

Aos grandes amigos que a UFS me presenteou Marilene, Dayane, Jucemira, Beatriz, Taciane, Joyce, Jazielle, Luiz Felipe, Eduardo, Jéssica, Edilene, Ivete, Suely, Wadson, Carioca, Amanda, Geilson e Anderson, agradeço imensamente pela amizade e companheirismo de sempre.

As professoras Alexandra Epoglou e Thayná Souza dos Santos, por aceitarem o convite de fazer parte da banca examinadora.

Agradeço a Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho que me proporcionou um ensino de primeira e tudo que era necessário para iniciar minha carreira profissional.

Aos professores do DQCI, agradeço por toda orientação, paciência e disponibilidade.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo apoio ao processo de formação inicial e continuada de professores.

As professoras Assicleide da Silva Brito e Thayná Souza dos Santos, pelo apoio e partilha de ideias durante a validação do roteiro de entrevista.

Aos supervisores do PIBID/Química que participaram do edital n°. 7/2018 pela paciência, tolerância e partilha de suas experiências durante a coleta de dados.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, contribuindo com todas as conquistas em minha vida, o meu muito obrigada!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modelo triádico.....	15
---------------------------------------	----

QUADROS

Quadro 1: Informações do perfil dos supervisores que participaram do PIBID no edital nº. 7/2018.....	23
---	----

ABREVIATURAS

AC – Análise de Conteúdo

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID-19 - Coronavírus

DQCI – Departamento de Química do *Campus* de Itabaiana

ENEQ – Encontro Nacional de Química

ENESQUIM – Encontro Estadual de Química

OCMEA – Oficina de Ciências, Matemática e Educação Ambiental

PEQ I – Pesquisa em Ensino de Química I

PEQ II – Pesquisa em Ensino de Química II

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PROLICE – Projeto Apoio Pedagógico Licenciando na Escola

PRP – Programa Residência Pedagógica

PS₁ – Professor Supervisor 1

PS₂ – Professor Supervisor 2

PS₃ – Professor Supervisor 3

Ri/UFS – Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe

SBQ – Sociedade Brasileira de Química

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFS – Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: A possibilidade de acesso à formação continuada, permite aos professores aprendizagens que acrescentam conhecimentos que aprimoram a sua atividade profissional. O processo de formação continuada pode ser favorecido por meio da constituição das tríades formativas, necessitando do envolvimento de formadores e alunos da licenciatura com os professores da Educação Básica. Com o surgimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) essa formação triádica pode ser efetivada. O objetivo deste trabalho foi investigar o papel do PIBID na formação continuada de supervisores do subprojeto de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, referente às atividades do Edital n°. 7/2018 da CAPES. Os dados foram coletados a partir de entrevistas com três supervisores participantes do núcleo de iniciação à docência de 2018. A organização e a análise dos dados foram inspiradas em Bardin (2011). As afirmações dos supervisores mostraram que o PIBID oferece uma formação continuada e por meio das ações desenvolvidas a tríade formativa pode ser efetivada. Sendo assim, o PIBID promove uma maior interação entre a escola e a universidade criando oportunidades para a formação e atualização dos professores da Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID, Formação Continuada, Tríades Formativas.

Sumário

Notas introdutórias	11
1. Introdução	13
1.1 Formação Continuada	13
1.2 Modelos Formativos Triádicos	14
1.3 PIBID	15
1.4 Funcionamento do PIBID no Departamento de Química do <i>Campus</i> de Itabaiana	17
2. Objetivos	19
2.1 Objetivo geral.....	19
2.2 Objetivos específicos	19
3. Procedimentos Metodológicos	20
3.1 Contexto da pesquisa.....	20
3.2 Sujeitos da pesquisa	20
3.3 Instrumento de coleta de dados	20
3.4 Instrumento de análise de dados	21
4. Resultados e discussão	23
4.1 Perfil dos supervisores	23
4.2 Formação inicial dos supervisores	24
4.3 Formação continuada	27
4.4 Efetivação do modelo triádico	29
4.5 PIBID como espaço para a formação continuada	34
5. Conclusão	37
6. Referências Bibliográficas.....	38
7. Apêndices	41
7.1 Apêndice A.....	41
7.2 Apêndice B.....	44
8. Anexos	83
8.1 Anexo A	83

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O meu interesse em ingressar em um curso de licenciatura se deu pela vontade em ser uma agente transformadora de pessoas, ou seja, ser uma professora que além de partilhar conhecimentos com seus alunos, possa aprender e compreender como a sociedade está se moldando nos dias atuais. Essa escolha se deu também pela identificação com a disciplina de Química durante o Ensino Médio.

Durante a minha trajetória acadêmica, as disciplinas relacionadas a área de Ensino de Química sempre me despertaram interesse, principalmente na produção e aplicação de materiais didáticos que eram feitos nas disciplinas de Temas Estruturadores para Ensino de Química e os Estágios Supervisionados em Ensino de Química. Essas disciplinas oportunizaram experiências essenciais, as quais proporcionaram vivenciar relações entre professor-aluno, além de ter sido momentos em que a teoria e a prática se uniram em busca de um único objetivo que era a ampliação e criação do conhecimento.

Participei também de dois projetos relacionados ao Ensino de Química, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica (PRP). No PIBID participei durante três meses, enquanto o PRP participei durante o período de dezoito meses, experiências fundamentais, que enquanto licencianda foi de suma importância para a minha formação inicial, pois, não desenvolveu em mim apenas compreensão nas teorias em sala de aula, mas também a aplicação e reflexão sobre a prática que estava iniciando naquele momento.

Portanto, participar desses programas proporcionou vivenciar as relações entre escola-professor-aluno e foram momentos imprescindíveis em que a teoria e a prática se uniram em busca da ampliação de conhecimento, apresentando assim, um bom resultado para a minha carreira profissional.

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se deu devido ao meu interesse em pesquisar sobre algo relacionado à “Formação de Professor” e em conversa com o meu orientador, ele apresentou alguns temas, o qual sugeriu articular o objeto de pesquisa ao PIBID, pois o mesmo trabalha como coordenador de área do subprojeto e realiza pesquisas relacionadas ao PIBID e seus efeitos na formação inicial e continuada de professores.

Dessa forma, essa pesquisa apresenta relevância, pois a partir desta foi possível investigar se o PIBID referente ao Edital n°. 7/2018 da CAPES (BRASIL, 2018) ofereceu

condições para a formação continuada dos supervisores. Vale ressaltar, que no contexto da UFS *Campus* de Itabaiana, não foram encontrados trabalhos nesse viés.

1. INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 1980 há uma grande preocupação e interesse em estudos sobre a formação de professores. Isso ocorre, devido a compreensão que a melhoria da qualidade de ensino, é acompanhada de renovação, e mudança na prática docente (MARÇAL, 2012).

No processo de formação docente, o curso de licenciatura, deve viabilizar a interação entre teoria e prática, além de introduzir os estudantes de graduação nas escolas. No entanto, essa inserção não é fácil pois, necessita da compreensão dos problemas e desafios que existem no cotidiano escolar e a necessidade de desenvolvimento de um projeto curricular que favoreça a aprendizagem significativa (ZEULLI, et al., 2012).

Ser professor não significa está apenas formado em uma licenciatura, mas sim está em um constante processo de formação, seja como um ser reflexivo através de ações que atendam às necessidades sociais ou como um pesquisador (MELLO, 2000). Pensando na continuação do processo de formação de professores, a seguir, serão discutidas seções referentes a: (1) Formação Continuada de professores; (2) Modelos Formativos Triádicos; (3) PIBID e (4) Funcionamento do PIBID no Departamento de Química do *Campus* de Itabaiana.

1.1 Formação Continuada

É de suma importância para professores da Educação Básica e das Universidades a formação continuada. Nesta perspectiva, o professor, após formar-se em um curso de licenciatura, não pode se privar apenas de sua formação inicial, ele deve buscar qualificar-se cada vez mais, para progredir tanto no seu conhecimento pessoal como na sua prática profissional (ZEULLI, et al., 2012).

A formação continuada é imprescindível, pois auxilia, ao professor melhorar a sua prática educacional, no processo da construção e reconstrução da sua identidade docente, como também, na reflexão de como enfrentar os desafios diários da realidade escolar.

Sabe-se que, ser professor no Brasil não é uma tarefa simples, devido à falta de tempo, muitos docentes não conseguem participar de seminários, pesquisas, projetos que os ajudem a ter uma formação continuada, pois a elevada carga horária que muitos professores têm, os priva a não continuidade da sua formação (SOUZA, 2013).

A falta de tempo devido as elevadas cargas horárias é um dos principais motivos para os professores não conseguirem continuar o seu processo de formação continuada e se torna, um dos fatores preocupantes para o cenário educacional, pois o professor não

pode ser apenas um transmissor de informações. A formação continuada é um processo contínuo e que tem muito a contribuir com os profissionais na melhoria de práticas pedagógicas que podem ser inseridas no seu contexto educacional, podendo ser capaz de gerar transformações dentro e fora do ambiente escolar. Dessa forma, podemos dizer que a escola é palco da sociedade, pois, a transformação iniciada no chão da escola deve ter continuidade fora desse espaço para que tenhamos a formação do cidadão crítico.

A formação continuada é uma prática que pode ajudar na melhoria da aprendizagem e na busca constante de conhecimentos. Essa aprendizagem é favorecida a partir da interação entre professores Universitários e os da Educação Básica, permitindo uma melhor visão, organização e reflexão dos conhecimentos acerca dos desafios existentes na realidade escolar (MALDANER, 2006).

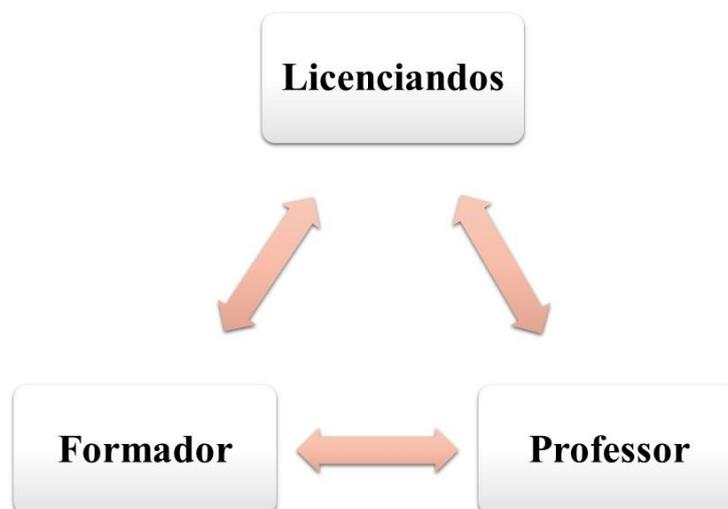
Para compreender como o sujeito professor se constitui, é importante considerar que ele passa por um longo processo de aprendizagem e desenvolvimento durante a sua vida. É entendido como processo por acreditar que o professor não está pronto nem acabado quando conclui sua formação inicial, mas que sempre se transforma e constitui-se pelas influências culturais nas quais está inserido (MARCOLAN, MALDANER, 2015, p. 215).

Portanto, o processo de formação continuada é um envolvimento dos docentes com os processos de aprendizagens que acrescentem conhecimentos e que sejam capazes de aprimorar cada vez mais a sua atividade profissional. Visto que, é um processo permanente e que acompanha o professor durante toda a sua vida.

1.2 Modelos Formativos Triádicos

Buscando melhorar a formação inicial e continuada de professores, surgem os modelos formativos triádicos. O modelo triádico é visto como possibilidade de maior envolvimento entre licenciandos, professores da Educação Básica e Formadores¹. A **Figura 1**, mostra como essa relação triádica pode ser efetivada. Eles podem ser definidos como parceria entre formadores da licenciatura, visando a construção da identidade docente na formação inicial dos licenciandos, como também um espaço de interações, discussões e reflexões sobre as práticas docentes, ajudando nos saberes teóricos e práticos no ensino, possibilitando a formação continuada dos professores e formadores (ROSA, SCHNETZLER, 2003).

¹Neste trabalho os professores formadores são os professores universitários, que formam professores para o Ensino Básico.

Figura 1: Modelo triádico

Fonte: Adaptada do artigo *Elaboração conceitual de prática docente em interações triádicas na formação inicial de professores de Química* (ROSA, SCHNETZLER, 2003).

Para a constituição das tríades formativas para a prática docente, é necessário o envolvimento de formadores e alunos da licenciatura, com os professores da Educação Básica. No contexto do Brasil, a possibilidade de efetivar a formação dessa tríade aumentou com o surgimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) (MESQUITA, 2015).

Segundo Mesquita (2015), o PIBID, possibilita uma formação contínua ao professor, a qual é realizada através de parcerias com licenciandos, professor da Educação Básica e Formadores através de diálogos, trocas de experiências, grupos de estudos, pesquisas e intervenções.

Para efetivar o modelo triádico o programa leva o licenciando a imersão na escola, por meio de ações desenvolvidas no ambiente escolar. Já o professor da Educação Básica retorna ao espaço acadêmico, auxiliando na formação dos licenciandos através de contribuições e experiências, como também possibilita a sua formação continuada. Para o professor formador, através das ações que são desempenhadas nas licenciaturas ele identifica os principais desafios encontrados na formação inicial através do professor da Educação Básica (MESQUITA, 2015).

1.3 PIBID

O PIBID surgiu no Brasil no ano de 2007 (BRASIL, 2007), desde o seu início o programa vem passando por modificações. A constituição do programa, necessita da presença de um coordenador de área (Professor Universitário), supervisor (Professor da Educação Básica) e o licenciando (aluno do curso de licenciatura) (MESQUITA, 2015; BRASIL, 2007).

Os objetivos principais do programa são:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;
- VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2018, p. 1).

A partir dos objetivos supracitados, a prioridade do PIBID é a aproximação do licenciando em formação inicial com o cotidiano escolar. O contato entre o professor da Educação Básica e os Universitários através de reuniões, reflexões, discussões e ações desenvolvidas no subprojeto propicia a formação inicial e continuada (SOUZA, LIMA, 2017).

A formação contínua é, certamente, um caminho formativo eficaz. Manter-se em formação possibilita ao professor a capacidade de responder às urgências de sua profissão. Quando esta formação é realizada em parceria com outros profissionais em um processo dialógico, de relatos, trocas de experiência, momentos de intervenção na prática, pesquisa, grupo de estudo etc. torna a caminhada profissional e seus desafios mais brandos.

Na Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, o projeto do PIBID mais recente foi desenvolvido em consonância com o Edital n°. 7/2018 da CAPES (BRASIL, 2018), tendo duração de 18 meses, sendo destinado a alunos matriculados na primeira metade do curso e que ainda não havia cursado 50% ou mais da carga horária total da formação. O acompanhamento da realização das atividades dos discentes nas escolas, é feito pelo professor da Educação Básica, o qual é denominado

como supervisor e pelo professor da Universidade que é o coordenador da área do subprojeto (BRASIL, 2018).

O PIBID, que é subsidiado pela CAPES, oferece bolsas, para estudantes licenciandos, professores supervisores (professores da Escola Pública da Educação Básica), para os orientadores ou coordenadores da área (professores da Universidade que coordenam o projeto em sua área específica) e para Coordenação Institucional (professor da Universidade responsável pelo projeto) (BRASIL, 2018).

Além do programa oferecer contribuições para seguir a carreira docente, preparando os licenciandos para a instituição da Educação Básica. Ressalta-se a ajuda financeira que o programa oferece para os alunos da licenciatura manter-se no curso, e para melhoria da sua formação. De acordo com Lima (2018), os alunos que participam do PIBID têm a oportunidade de permanecer e vivenciar mais a Universidade, a partir da participação de projetos de pesquisas, eventos e trabalhos científicos, além de produzir materiais didáticos. O recurso também é importante para os professores supervisores, pois eles desempenham diversos papéis no programa, orientando os alunos em diversas atividades que são desenvolvidas durante o projeto, além de possibilitar uma formação a mais para o professor. Além disso é um complemento a sua renda.

1.4 Funcionamento do PIBID no Departamento de Química do *Campus* de Itabaiana.

A estrutura de cada subprojeto, é formado por 1 coordenador de área, 3 supervisores e, no mínimo 24 e no máximo 30 discentes (BRASIL, 2018). O subprojeto na área do curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe “iniciou com 24 bolsistas e 06 voluntários que foram convidados a fazer parte do programa” (LIMA, 2020, p. 242). Foram selecionadas 03 escolas para serem desenvolvidas as atividades (LIMA, 2020).

Vale ressaltar que nesse subprojeto, participavam também 09 colaboradores que são professores do Departamento de Química do *Campus* de Itabaiana (DQCI), os quais foram convidados pelo coordenador de área para atuarem como colaboradores, para acompanhar e orientar os bolsistas nas atividades que iriam ser desenvolvidas durante o projeto (LIMA, 2020).

O PIBID é um programa que pode valorizar a profissão docente para estimular cada vez mais os professores para avançar nas melhorias de sua profissão, como também em condições de trabalho (STANZANI, OBARA, PASSOS, 2016).

Diante disso, existem trabalhos na literatura que discutem a relação entre a formação continuada e o PIBID. Dessa forma, foi realizada uma busca em bases de dados como: Scielo, Google Acadêmico, Portal Periódico da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Química Nova na Escola e Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe (Ri/UFS), em seguida, fez-se um mapeamento utilizando palavras chaves como: formação continuada, PIBID, supervisores e tríades formativas. Do mapeamento foram selecionados trabalhos no: Scielo 02 artigos; Google Acadêmico 03 artigos; Portal Periódico da Capes 01 artigo; BDTD 01 dissertação; Química Nova na Escola 07 artigos e Ri/UFS 01 artigo.

A leitura desses trabalhos me permitiu a construção de algumas questões de pesquisa: O que os professores supervisores têm a falar sobre a sua formação continuada? Qual a importância das ações desenvolvidas no PIBID para a sua formação continuada? Como os professores se envolveram nas atividades do projeto? Como se deu a tríade formativa no subprojeto? Ela foi efetivada?

Essa pesquisa permite a compreensão sobre os efeitos do PIBID na formação continuada dos supervisores. É importante salientar, que no contexto PIBID/Química da Universidade Federal de Sergipe (UFS), *Campus* Professor Alberto Carvalho, não foram encontrados trabalhos que relacionem as tríades formativas e a formação continuada de supervisores durante sua participação no PIBID.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar o papel do PIBID na formação continuada de supervisores do subprojeto de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, referente as atividades do Edital n°. 7/2018 da CAPES (BRASIL, 2018).

2.2 Objetivos específicos

- Analisar se o PIBID ofereceu condições para a formação continuada dos supervisores;
- Compreender se a tríade formativa foi estabelecida;
- Discutir os efeitos do PIBID na prática docente de supervisores.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem utilizada foi de cunho qualitativo. De acordo com as afirmações de Flick (2009) a pesquisa qualitativa é importante e necessária para as relações sociais, pois, a sua finalidade não é comprovar as teorias, mas desenvolvê-las a partir das experiências testadas. Assim, o presente trabalho busca analisar a visão dos supervisores durante as ações e reflexões desenvolvidas no PIBID, permitindo apresentar maior confiança, a partir da compreensão e investigação da pesquisa.

3.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida durante as disciplinas de Pesquisa em Ensino de Química I (PEQ I) e Pesquisa em Ensino de Química II (PEQ II), na Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, entre os meses de outubro de 2019 à fevereiro de 2021.

O *Campus* Professor Alberto Carvalho é fruto de uma política de expansão, interiorização e democratização do acesso ao Ensino Superior estabelecida pelo governo Lula e propiciou a expansão desse ensino em todo o território nacional. O *Campus* foi inaugurado no ano de 2006 e está localizado na cidade de Itabaiana/SE, possui uma estrutura física de salas de aula, biblioteca, laboratórios, auditórios, salas dos departamentos dos setores administrativos e dos professores (UFS, 2017). Além disso, oferta 500 (quinhentas) vagas que são divididas entre dez cursos, são sete de licenciatura: Ciências Biológicas, Geografia, Pedagogia, Letras, Matemática, Física e Química e três de bacharelado: Administração, Ciências Contábeis e Sistema de Informação com ingresso no segundo semestre do ano letivo (UFS, 2004).

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram três professores. Esses profissionais fazem parte do quadro de professor efetivo da rede estadual de ensino que participaram durante os 18 meses das atividades que foram desenvolvidas no PIBID, referente ao edital n°. 7/2018 (BRASIL, 2018). As afirmações mostradas no trabalho foram mantidas em sigilo, sendo assim, por questões éticas, o nome dos entrevistados e sua relação com as escolas não será exposto. Na apresentação dos dados das entrevistas foram utilizados códigos para cada entrevistado, como por exemplo (PS₁, PS₂ e PS₃).

3.3 Instrumento de coleta de dados

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, que é quando o entrevistador faz perguntas específicas e o entrevistado pode expor sua opinião deixando-o à vontade para novos questionamentos (FLICK, 2009). A entrevista é um dos principais instrumentos de coleta de dados usado para a pesquisa qualitativa. Nelas, os sujeitos podem expressar seus pontos de vistas e explorar temas com mais detalhe em relação a utilização de um questionário (FLICK, 2009).

O roteiro de entrevista (Anexo A) foi elaborado com base nos trabalhos de LIMA (2018) e SOUZA, LIMA (2017). Quanto as questões, foram elaboradas por seções enumeradas de I a IV, são elas: I. Perfil dos sujeitos; II. Formação inicial; III. Formação continuada; IV. PIBID. Posteriormente foi enviado um convite para duas profissionais que trabalham nessa linha de pesquisa para fazerem a validação do instrumento. Hoss e Caten (2010), afirmam que a validação é uma etapa importante para verificar se as questões elaboradas não apresentam problemas de interpretação. Após validarem, as professoras sugeriram modificações em algumas questões, as quais foram analisadas e aceitas.

O contato com os professores supervisores ocorreu através de um convite por meio da rede social *WhatsApp*, informando a participação na entrevista e o objetivo da pesquisa, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), o qual orienta o compromisso de sigilo de todos os dados pessoais e o anonimato dos participantes. A questão ética na pesquisa proporciona a proteção de todos os participantes envolvidos (FLICK, 2009).

Para a realização das entrevistas utilizou a plataforma Google Meet (ferramenta gratuita que serve para se comunicar através de vídeo) por conta da Pandemia do COVID-19 (Coronavírus) as entrevistas foram feitas de forma online, a qual tornou-se algo viável, devido ao momento tão delicado que estamos vivendo por conta do COVID-19 e gravadas, para capturar todas as respostas dos entrevistados e posteriormente realizar a transcrição. A transcrição é uma etapa necessária, para a interpretação e análise dos dados (FLICK, 2009). As três entrevistas foram realizadas no mês de dezembro de 2020, tendo duração de 52 minutos a primeira, 48 minutos a segunda e 58 minutos a terceira.

3.4 Instrumento de análise de dados

Nessa pesquisa foi utilizado a Análise de Conteúdo (AC), pois o material que foi produzido representa uma forma de comunicação. A AC é uma técnica que produz

indicadores e com isso constrói informações sobre os dados que foram analisados (BARDIN, 2011).

Bardin (2011), orienta o uso da AC em três fases: a primeira é a fase de pré-análise que visa o planejamento da atividade a ser elaborada. A segunda é a fase de exploração do material, que consiste na codificação, categorização em que consiste em reduzir os registros para melhor compreensão dos dados. E por fim, a terceira, é a fase do tratamento dos resultados obtidos e interpretação, permitindo ao pesquisador ter interpretações, conclusões e inferências a partir do progresso da pesquisa.

Dessa forma, a AC foi utilizada nesta pesquisa aos dados que foram coletados por meio da entrevista e posteriormente realizou-se uma leitura flutuante das respostas para que as opiniões fossem interpretadas e fez-se uma separação por categorização. As categorias foram definidas *a priori*, sendo elas: (1) Perfil dos supervisores; (2) Formação inicial dos supervisores; (3) Formação continuada; (4) Efetivação do modelo triádico; e (5) PIBID como espaço para formação continuada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entendimento dos resultados, estes serão abordados em cinco categorias: (1) Perfil dos supervisores; (2) Formação inicial dos supervisores; (3) Formação continuada; (4) Efetivação do modelo triádico; e (5) PIBID como espaço para formação continuada.

4.1 Perfil dos supervisores

O PIBID é um programa que tem a finalidade de valorizar o magistério além de melhorar a qualidade do ensino da Educação Básica. As licenciaturas contempladas com o projeto são: Física, Química, Matemática, Filosofia, Sociologia, Música, Língua Estrangeira, Pedagogia e Interculturais (para professores indígenas) (BRASIL, 2018).

O PIBID de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* de Itabaiana, foi um dos contemplados para a formação de um núcleo de iniciação à docência, composto por 3 supervisores. O Quadro 1 apresenta informações sobre o perfil dos professores supervisores que participaram do edital n°. 7/2018 da CAPES (BRASIL, 2018).

Quadro 1 – informações do perfil dos professores supervisores que participaram do PIBID no edital n°. 7/2018.

	PS₁	PS₂	PS₃
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino
Idade	32 anos	39 anos	42 anos
Formação acadêmica/ Ano que se formou/ Instituição	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Química-Licenciatura / 2010 / UFS; • Mestrado em Química / 2012 / UFS; • Doutorado em Ciências em Engenharia de materiais / 2017 / UFS. 	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Química-Licenciatura / 2004 / UFS; • Mestrado em Físico-Química / 2006 / UFS. 	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Química-Licenciatura / 2004 / UFS; • Especialização em áreas da Educação em Matemática e Ensino de Matemática / 2006 / MASTERIDEIA.

Tempo que atua como docente	09 anos	16 anos	18 anos
------------------------------------	---------	---------	---------

Fonte: Elaborado pela autora

Como pode-se observar, os três professores supervisores são do sexo masculino, de acordo com Menezes (2014), essa predominância na área de exatas por profissionais do sexo masculino existe, desde o início da história da humanidade, onde a ciência exata se caracterizou como atividade masculina.

Ao que se refere a idade nota-se uma faixa etária entre 32 e 42 anos. Observa-se que, todos eles possuem formação complementar a inicial: PS₁ além da graduação em Química é mestre em Química e doutor em Ciências e Engenharia de materiais; PS₂ além da graduação em Química é mestre em Físico-Química e PS₃ além da graduação em química tem especialização em áreas da Matemática e em Educação em Matemática.

Através das informações expostas no **Quadro 1**, observa-se que, dois dos supervisores formaram-se em um período em que o currículo do curso de licenciatura em Química ainda possuía características de um curso de Bacharelado. Nesse modelo a matriz curricular era organizada em três anos de disciplinas técnicas e um ano de disciplinas que estavam voltadas para a área pedagógica (LIMA, PAGAN, SUSSUCHI, 2013). Enquanto um dos supervisores durante a sua formação inicial, obteve um contato maior com disciplinas direcionadas a área de ensino. Isso se deve, pelo fato de que, a partir de 2002, foram adotadas medidas pelo Conselho Nacional de Educação e Novas Diretrizes Curriculares para Cursos de Formação de Professores da Educação Básica, modificações nas cargas horárias dos cursos de licenciatura, principalmente em disciplinas voltadas para as práticas pedagógicas tendo como finalidade incentivar a formação do professor (LIMA, PAGAN, SUSSUCHI, 2013).

A partir da proposta da nova matriz curricular, buscou-se criar uma relação maior entre teoria e prática, além de incentivar o futuro profissional docente caracterizando mais como uma interação e reflexão sobre o início da sua prática pedagógica e também em um processo permanente, acerca da profissão docente.

4.2 Formação inicial dos supervisores

Nesta seção, serão apresentados dados sobre a formação inicial dos supervisores, a partir de afirmações sobre as experiências vivenciadas no curso de licenciatura e que favoreceram o processo de construção da identidade docente.

Ao serem questionados sobre sua formação inicial, os supervisores, PS₂ e PS₃ relataram que:

[...] eu acho que na época o curso de Química Licenciatura ele era um curso mais próximo do Bacharelado do que realmente de uma licenciatura, e com a mudança do currículo da Universidade, eu acho que eles aproximaram bastante para essa área pedagógica, foi um avanço interessante, mas eu particularmente, tive muito pouco da área da educação. Tive mais da área de cálculo, da física, da química pura e pedagógico ficou um pouco à mercê (PS₂).

Ao observar a fala do PS₂, nota-se que as disciplinas da educação na época que ele estudava estava mais voltada para a parte específica do conteúdo químico, isso é justificado pela estrutura do currículo, mais próximo de um curso de Bacharelado do que da área de ensino. Para Lima, Pagan e Sussuchi (2013), os cursos de licenciatura antes do ano de 2002 tinham características de Bacharelado, sendo que, possuíam modelos de 3+1, ou seja, eram três anos de matérias técnicas e um ano para matérias voltadas a área de ensino e os estágios.

De acordo com PS₃:

[...] na minha graduação, o regime de ensino praticamente, é como se fosse de três por um, é como se fosse três anos de disciplinas vinculadas ao bacharelado e apenas um ano de disciplinas voltadas para a área de educação. Então, praticamente a licenciatura na minha época ela era bastante técnica, ela não tinha algo abrangente vinculado ao ensino. A minha experiência dentro da minha formação, se deu quando eu trabalhei em 2001 e 2002 cursava a Universidade e em paralelo eu estudava, aliás, eu era professor da rede pública, através do contrato, então, essa foi a minha maior experiência dentro da licenciatura em paralelo, porque eu tinha um contrato (PS₃).

De acordo com a fala de PS₃, nota-se que a experiência que obteve com as atividades práticas durante a sua formação inicial foi o ingresso na carreira profissional, pois, o professor enquanto licenciando, já lecionava em uma escola da rede pública, através de um contrato. Dessa forma, durante a sua formação inicial PS₃ não obteve disciplinas as quais o ajudaria em novas práticas e metodologias de ensino para serem aplicadas em sala de aula.

Já em relação ao PS₁, teve sua formação mais recente em que, as diretrizes curriculares dos cursos de licenciaturas já estavam reformuladas e foram incluídas disciplinas voltadas para a prática docente, logo no primeiro período participou de projetos envolvendo o curso e as escolas da Educação Básica durante a formação inicial:

[...] final do primeiro período, início do segundo período a gente teve a primeira OCMEA² [...] teve aquele primeiro contato com a Educação Básica. [...] Foi um desafio! E foi bem gratificante! Porque é um início. Quando você entra num curso de licenciatura, as vezes você não sabe se você vai querer ser professor, ou não ser professor, isso aí vai amadurecendo com um tempo (PS₁).

A partir, dessa fala pode-se notar, que o PS₁ a partir de seus anos iniciais como licenciando teve como ponto de partida a participação no evento OCMEA (Oficina de Ciências, Matemática e Educação Ambiental), onde colocou em prática conhecimentos, como também, adquiriu experiências essenciais para a sua formação acadêmica, seja na produção de materiais didáticos e após as atividades desenvolvidas, pode fazer uma reflexão sobre o que poderia ser melhorado a experiência do primeiro contato com a Educação Básica.

[...] alguns materiais didáticos que eram produzidos na Universidade naquele momento eu aplicava na sala e aí analisava os resultados e via o que poderia melhorar para poder replicar novamente (PS₁).

A partir da reflexão e da análise dos resultados que foram obtidos durante o desenvolvido em sala de aula, o futuro professor busca novos meios de como ensinar, se expressar e solucionar os desafios do cotidiano escolar. Durante esse processo, encontram possibilidades para ressignificar suas identidades profissionais, pois, não é algo acabado, está em constante construção, a partir de demandas que a escola e a sociedade colocam para os docentes (PIMENTA, LIMA, 2012).

Em relação a participação de projetos que envolviam o curso de licenciatura com as escolas de Educação Básica, os professores supervisores relataram que:

Não. A gente, foi praticamente terminando o curso com o estágio na Educação Básica, só! Uma disciplina de estágio diretamente com a Educação Básica, a outra era preparação de projetos, mais com relação de aplicação de alguma oficina, não teve nada relacionado a esse tipo na minha formação (PS₂).

Só no estágio. A gente construiu o material, montou nossa aula e, pegou materiais para trabalhar com experimentos (PS₃).

A partir da análise dos dados coletados, nota-se que PS₂ e PS₃ tiveram experiências com a Educação Básica apenas na disciplina de estágio durante a sua formação inicial.

No que se refere a disciplina de estágio, pode-se afirmar que é um momento fundamental para a formação de qualquer profissional, pois a partir dele é onde inicia a

² É um evento onde são ofertadas diversas oficinas para alunos(as) e professores(as) da Educação Básica.

aproximação do licenciando com a realidade a qual atuará. Para Silva e Schnetzler (2005), o estágio é um componente curricular importante para aproximar o licenciando da Educação Básica. É a partir dele que construímos uma maior compreensão sobre o exercício da profissão.

O PS₁, afirma que:

Tinha umas disciplinas Temas Estruturadores Para Ensino de Química acho que foi de I à IV e nesses temas a gente conseguia produzir materiais didáticos e aplicou no caso. Quando eu comecei a aplicar, eu já era docente, então, eu fazendo a disciplina o material que eu produzia com a orientação dos professores da Universidade eu aplicava na minha própria sala de aula (PS₁).

Nota-se que o professor enquanto era licenciando já lecionava na Educação Básica e os materiais produzidos na Universidade eram aplicados em sala de aula, facilitando assim, suas práticas metodológicas de ensino. Lima, Pagan e Sussuchi (2013) afirmam que, a didática desenvolvida durante as disciplinas de ensino ajuda ao licenciando a produzir materiais didáticos para serem discutidos pelos professores Formadores tornando um momento de discussão possibilitando assim, a melhoria nas práticas de ensino.

Portanto, observa-se que, de um lado temos dois professores os quais se formaram em uma época de pouca valorização de atividades em sala de aula e do outro um profissional que vivenciou uma experiência maior de contato com experiências em sala de aula, já no início do curso facilitando assim, um maior contato com as escolas de Educação Básica e com novas práticas metodológicas de ensino.

4.3 Formação Continuada

Esta seção tem como objetivo identificar se os professores supervisores participam ou participaram de algum projeto de formação continuada.

Ao serem questionados, se já participaram ou participam de algum projeto de formação continuada os professores supervisores relataram que;

Eu tô participando do PROLICE, que é um programa novo que tem agora de apoio pedagógico [...] ele não é especialmente, um programa de formação continuada, mas que vai dá essa formação, até porque faz no estilo do PIBID, que é aquelas reuniões de grupo, manda textos no grupo pra gente ler, então é aquela leitura de texto, discussão de texto e tema que traz essa formação continuada pra gente e se não tivesse no programa eu não ia buscar aquele texto pra ler, como estou lá no programa eu vejo aquele texto vejo o título, acho interessante e vou lá ver o que tem aqui e vou ler (PS₁).

[...] eu trato o PIBID como uma formação continuada, porque a gente está em contato direto com as novas mudanças pedagógicas, então eu trato ele como sendo uma extensão, um aumento da carreira (PS₂).

Bem a formação continuada que estou participando, como eu já participei também do edital passado em 2018 e estou participando agora nesse em 2020 que é o PIBID [...], essa é a minha formação continuada (PS₃).

A partir dos relatos dos supervisores, nota-se que, eles não haviam participado de projetos de formação continuada. Porém ela foi criada com o PIBID, pois é um programa que consegue efetivar uma formação continuada para os professores, algo que as gestões educacionais ainda não conseguem efetivar, pois há diferenças entre as escolas de tempo integral e as outras, nas quais os professores não têm nem tempo para reuniões periódicas (tendo uma por semestre apenas para planejamento).

O PS₁, fala que atualmente participa de um projeto de formação continuada que é o PROLICE³ (Projeto Apoio Pedagógico Licenciando na Escola), enquanto os PS₂ e PS₃ falam que consideram o PIBID como uma formação continuada para a sua carreira profissional. Assim como o PROLICE, o PIBID pode possibilitar uma formação continuada para os supervisores e até mesmo para os colaboradores⁴ e o próprio coordenador de área que trabalha com novas perspectivas, com novos experimentos, além de discutir muito a área da educação, a estrutura a parte pedagógica, a montagem do material, a reformulação de conceitos químicos ajudando tanto os licenciandos como os supervisores a montarem uma aula, através de uma atividade temática. De acordo com Mesquita (2015), o PIBID fortalece as ações que são realizadas, além de contribuir na aproximação entre escola e universidade ajudando tanto a formação inicial como continuada para os profissionais da educação.

PS₁, relata que:

[...] pra nós supervisores a gente fala também, nessa formação continuada, nessa vivência com o aluno da Universidade, porque as vezes a gente está lá na sala de aula e não tem essa vivência. A Universidade está trabalhando com pesquisa da área de ensino direto, sempre, então é uma coisa que a gente [...] precisa tá conectado com a Universidade até porque a gente precisa pegar [...] essas novas metodologias, essas metodologias mais ativas, no Ensino de Química. Pra gente, a gente teve esse ganho enorme, pros colaboradores

³ Esse projeto é uma iniciativa da UFS, que tem por finalidade prestar apoio a estudantes da Educação Básica por meio da inserção de discentes dos cursos de licenciaturas no cotidiano de escolas da rede pública.

⁴ Os colaboradores são os professores do Departamento de Química do *Campus* de Itabaiana (DQCI), os quais foram convidados para acompanhar e orientar os bolsistas nas atividades que iriam ser desenvolvidas durante o projeto.

também, em questão de vivência, de analisar como é a Educação Básica e também pro coordenador do PIBID (PS₁).

Ao analisar a fala do PS₁ nota-se que é de grande importância o contato entre os professores Formadores com a Educação Básica, para que os mesmos vejam a realidade enfrentadas diariamente nas escolas.

[...] a gente tem escolas com estruturas físicas muito, muito ruins, então a escola que eu era supervisor [...] é só um corredor, então, não tem pátio, não tem nada, é só um corredor com algumas salas e vamos ver o que é que dá sem ventilador, então data show eles tiveram que levar, porque a escola não tinha, você percebe uma grande diferença em relação, por exemplo a Educação Superior (PS₁).

Ele ainda cita, a sua preocupação em fazer uma aula diferente, porém a escola não apresenta estruturas adequadas para aquela aula.

[...] as vezes você planeja uma atividade extremamente interessante, só que aí você vai precisar de uma caixa de som, de um data show, você precisa de um iluminador, você vai precisar de um microscópio, então você prepara aquela aula show, quando você chega na escola não tem (PS₁).

A partir dos relatos do PS₁, observa-se uma certa preocupação do professor com relação as estruturas da escola na qual atua, pois, segundo sua fala, a escola não possibilita a praticar metodologias diferentes durante as suas aulas devido à falta de materiais, como também a sua estrutura física. Para Zanon e Schnetzler (2003), diante da realidade escolar o professor pode se deparar com problemas cotidianos durante sua prática pedagógica, porém, deve-se buscar novos meios para aprimorar suas metodologias de ensino, pois o processo de aprender a ser professor é contínuo.

4.4. Efetivação do modelo triádico

O objetivo desta seção é investigar se houve a efetivação do modelo triádico através da parceria entre professores da Educação Básica, com professores Formadores da licenciatura e licenciandos.

O que se pode chamar de modelo triádico é quando o professor e o formador, se somam através de discussões e reflexões sobre as práticas docentes na formação inicial dos licenciandos. Podendo ajudar também, em novas estratégias de ensino para formação continuada, de modo que desenvolva novos meios de articulações teóricos e práticos no ensino (ZANON, SCHNETZLER, 2003).

Ao serem questionados como se dava a relação dos professores supervisores com os bolsistas PS₁ falou que:

Foi uma relação muito boa, nós tínhamos grupos no WhatsApp com eles [...] eu tive reuniões presenciais com os bolsistas, porque tinha os bolsistas que a gente era responsável (PS₁).

Para PS₂ os bolsistas possuíam características diferentes, mas com algumas conversas e opiniões dadas pelos supervisores, falando onde eles poderiam melhorar, para conseguirem desenvolverem as atividades que seriam ofertadas durante as ações do PIBID.

Extremamente boa e sadia. Os meninos, eles têm características diferentes, alguns conseguem desenvolver um pouco mais rápidos que outros, [...], demoram um pouco mais para se desenvolver mas eles acabam se desenvolvendo cada um no seu tempo e uma coisa que é importante e que eu acho que esse é um dos objetivos do PIBID é que a gente consegue influenciá-los positivamente, de dizer assim, de ter uma conversa aberto, assim: “Olha, melhore nisso aqui, controla isso aqui, verifica a parte química disso”, ou seja, a gente consegue ajudar a consertar os conceitos, a consertar a postura, a pesquisar mais sobre aquilo que ele está falando (PS₂).

O PS₃, relata que a sua relação com os bolsistas em geral foi uma relação ativa, porém a relação se intensificou mais com os pibidianos que o mesmo ficou responsável, pois o coordenador de área dividiu os pibidianos em três grupos, cada supervisor ficou responsável por um grupo de oito alunos para desenvolverem as ações.

Bem, a minha relação com os bolsistas em geral, foi uma relação de um contato ativo com eles, mas, o contato entre o grupo se intensificou mais no (professor cita o colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID), porque (professor cita o nome do coordenador de área) dividiu o grupo do edital de 2018 em certas quantidades (PS₃).

É notório observar que, a experiência que os professores da Educação Básica possuem, ajuda na prática dos licenciandos que ainda estão na sua formação inicial, como também, faz com que eles partilhem esse aprendizado uns com os outros, através de práticas atualizadas levadas pelos licenciandos, favorecendo assim uma formação continuada para o supervisor. Para Maldaner (2006), quando um indivíduo ver no outro ações em que pode se basear para o seu processo de formação e deixando o outro (aluno) ter uma participação ativa através do diálogo com as ideias (do professor) o ajuda a construir a sua própria identidade docente, além de ser uma formação contínua para o professor.

Ao avaliarem a relação com o coordenador de área, os professores supervisores relataram que:

[...] ele foi o meu professor da Universidade, então a gente já tinha esse contato, já tínhamos trabalhado em projetos nas disciplinas que ele ministrava na Universidade, então foi uma parceria que continuou da graduação e a gente trouxe pro PIBID, então, muito produtivo (PS₁).

O (professor citou o nome do coordenador de área do PIBID), é um cara muito bom [...]ele é extremamente empenhado em tudo que faz, trabalha sempre pensando nos melhores resultados, que é uma das coisas que me fez, inclusive voltar a se inscrever no edital, [...], a relação com o coordenador de área é extremamente boa. (PS₂).

[...] é uma pessoa bastante metódica e por ser metódico ele quer tudo certinho, isso é bom para o projeto do PIBID. Então, ele sempre deixou uma interligação entre os supervisores, ele e os bolsistas, essas relações sempre foram de contato direto (PS₃).

Ao avaliar a relação com os colaboradores, o PS₁ relatou que:

[...] extremamente produtiva! (professor cita o nome de um colaborador) eu conheço ele da graduação, então foi um professor meu, a gente tem um contato direto sempre e (professor cita o nome de outro colaborador) eu não conhecia, conheci no PIBID e a gente criou uma amizade e uma parceria muito boa e (professor cita o nome do coordenador de área) que já era [...] supervisor do programa já! Então, já era esses três professores do Ensino Superior que trabalharam comigo diretamente nesse projeto. Foi essencial, essa participação eu acho que em todos os projetos do PIBID, em todos os editais que tiveram eu acho essencial colocar esses professores colaboradores (PS₁).

A partir da fala do PS₁, observa-se que com a ajuda dos colaboradores, os supervisores, os bolsistas e o coordenador de área, todos só têm a ganhar com o PIBID, pois promove um maior aprendizado, além de novas experiências para a prática docente. É de fundamental importância falar que alguns dos colaboradores que ali estão, não tem essa vivência com a Educação Básica e essa aproximação entre eles torna-se fundamental para a sua formação, favorecendo uma formação contínua para a sua carreira como docente do Ensino Superior. PS₁ cita um episódio que o marcou na escola onde trabalha com um colaborador:

[...] (Professor cita o nome do colaborador) ele foi assistir as oficinas e aí ele ficou numa sala assistindo uma oficina que estava lá sendo ministrada pelos alunos, quando acabou ele veio e falou comigo: “Eu não sei, como vocês conseguem dá aula aqui, eu não conseguiria dá aula, eu dou parabéns a vocês porque vocês não tem estrutura nenhuma”, [...] ele disse “olhe sinceramente, eu nunca tinha vindo assistir uma aula na Educação Básica”, então ele não deu aula na Educação Básica, ele disse que nunca tinha vindo assistir (PS₁).

O PIBID é um programa que reúne condições necessárias para essa interação entre professores Formadores e professores da Educação Básica. Quando as ações entre esses diferentes sujeitos são bem planejadas pode se tornar um processo de formação continuada para professores (Educação Básica) quanto para (Universitários) (MALDANER, 2006).

Para os PS₂ e PS₃, a relação que tiveram com os colaboradores foi um pouco distanciada, porém em seus relatos eles falam que o contato maior dos colaboradores era entre os bolsistas, auxiliando-os sempre na produção do material didático.

O pessoal que nos ajudou, eles trabalhavam, até tinham um contato [...] até tive um contato menos com eles, dadas as dificuldades de horários que é extremamente normal, mas a relação com o pessoal da universidade é muito boa, [...] , quando eles (bolsistas) trazem as ideias, eles trazem essas ideias pra nós e para o pessoal da universidade que são os colaboradores [...]essa aproximação é muito boa, as informações que eles colocam, as vezes os meninos trazem para a gente [...] aí a gente começa a ter uma discussão saudável em relação disso. É extremamente bem vinda a relação com os colaboradores, é muito boa! (PS₂).

A relação com os colaborados, foi uma coisa meio distanciada, eu praticamente não tive contato com colaboradores, quem tinha contato maior com os colaboradores eram os bolsistas que estavam direcionados para cada colaborador [...] mas o contato na construção do material com o aluno bolsista, esse contato foi direto, eu particularmente não tive esse contato com os colaboradores eu tinha com os bolsistas que me mostravam o material que estavam sendo produzidos e aí qualquer coisa que eu podia ajudar eu ajudava a implementar alguma coisa dentro do conteúdo, mas já vinham com o material construído com os colaboradores, ajudando a eles a construírem esse material (PS₃).

Mediante o exposto, através de uma análise da fala dos professores supervisores, a relação triádica ocorreu principalmente com relação ao coordenador de área, porém precisa ser melhor efetivada com todo o grupo de colaboradores. Os módulos triádicos se desenvolvem a partir da investigação e da intervenção, discutindo a carreira profissional, para que possam contribuir mais sobre a reflexão da prática docente, deixando a ideia simplista que um bom professor é aquele que apenas reproduz conhecimentos (ZANON; SCHNETZLER, 2003).

Ao analisar os relatos dos supervisores durante o envolvimento nas atividades de elaboração, avaliação e aplicação de materiais didáticos, PS₁, relata a preocupação de abordar temas que estivessem no cotidiano do aluno da Educação Básica.

Na elaboração, nós discutimos inicialmente qual seria o tema de cada oficina eles buscaram temas relacionados a cidade de (professor cita o nome da cidade) já que a escola era de lá, eu dei algumas sugestões (PS₁).

Após discutirem sobre os possíveis temas com os bolsistas, iniciou-se uma discussão, na qual ambos começaram a pensar sobre conteúdos científicos que iriam ser trabalhados naquele tema.

[...] tive reuniões separadas para poder analisar daquele tema, o que é que se pode trabalhar e aí dá as minhas sugestões eu dava as minhas sugestões o coordenador dava as sugestões dele até construir essa oficina, a elaboração foi muito nesse sentido, quando eles começaram a escrever a oficina eles mandavam pra mim, colaborador e depois a oficina pronta, foi enviada para (professor cita o nome do coordenador) (PS₁).

Para a elaboração do material didático, iniciou-se um debate que teve como objetivo levar o aluno a construir a introdução sobre o conteúdo de química. Posteriormente, o aluno trabalhou com o conteúdo químico e os supervisores observaram e deram ideias de como o aluno iria se apropriar dos conhecimentos em volta daquele conteúdo, para que ele pudesse desenvolver sua oficina baseada no conteúdo bem fundamentado.

Eu dei algumas sugestões, dei temas, eu falei que tinha muitos alunos que trabalhavam na casa de farinha lá, duas oficinas foram relacionadas a casa de farinha e também que muitos pais de alunos trabalhavam na Usina Pinheiro [...] aí foi quando eles iniciaram com reuniões por exemplo, eu tive reunião com (professor cita o nome de um colaborador) e com as duas bolsistas (PS₁).

A partir da análise da fala do PS₁, houve uma interação entre os licenciandos, o professor da Educação Básica e o Professor do Ensino Superior, cada qual dando sugestões para ajudar no desenvolvimento e na elaboração da oficina. Para Mesquita (2015), o papel do educador durante atividade profissional é incentivar a coletividade e a união entre todos os participantes para que juntos possam enfrentar os desafios expostos na realidade escolar.

Após a aplicação da oficina os bolsistas juntamente com os supervisores, o coordenador de área e os colaboradores se envolveram na escrita dos trabalhos científicos para que fossem apresentados em eventos e publicados.

[...] Depois que a oficina foi aplicada, eles tinham lá uns questionários prévios que eles fizeram com os alunos e tinha uns questionários avaliativos e a partir dos dados que eles colheram lá, eles puderam começar a escrever esses trabalhos e na escrita [...] foi da mesma forma que da elaboração da oficina, eles faziam lá aí mandava pra gente, mandava pra (professor cita o nome de um colaborador) [...] eles faziam e mandavam, eu corrigia uma vez, eles mudavam aquilo ou aquelas sugestões, outro corrigia de novo e assim a gente foi trabalhando dessa forma na escrita dos trabalhos que foram apresentados (PS₁).

Meu envolvimento nessa parte, foi justamente com alguns bolsistas que me procuraram para fazer correção do material que eles estavam produzindo, artigo sobre o material que foi produzido, a minha participação foi fazer uma reavaliação, uma correção que eu achava

necessário dentro do material que eles estavam [...] escrevendo para depois colocar para a publicação (PS₃).

É válido ressaltar que, houve envolvimento por parte de todos que compõem o PIBID, o qual pode-se dizer que houve a efetivação do modelo triádico, ajudando assim na formação continuada dos supervisores, como também, do coordenador de área, pois estão em contato com os trabalhos através de correções e sugestões. Além, de mostrar que os supervisores não estão exercendo tal papel apenas para receber alunos nas escolas, mas que também possibilita uma formação a mais para eles.

Segundo Mesquita (2015), o professor que atua com novas metodologias de ensino, sendo um pesquisador, apresenta uma aprendizagem mais significativa para a sua carreira profissional, proporcionando assim um espaço para discussão de práticas reflexivas sobre questões de aprendizagens, ensino e o contexto escolar.

4.5 PIBID como espaço para a formação continuada

Nesta seção foi analisado como o PIBID pode ser considerado um espaço para formação continuada do professor. Se o programa proporciona uma maior aprendizagem para os supervisores auxiliando-os na sua formação continuada.

Ao iniciar o desenvolvimento das atividades do edital n° 7/2018, os supervisores, bolsistas e o coordenador de área, fizeram leituras e discussões de textos referentes ao ensino de Química levando-os a refletir sobre a implementação de novas metodologias em sala de aula.

O PS₁ relatou que participar do PIBID possibilitou a leitura de textos, os quais se não tivesse participado do programa não buscaria ler, como também foi importante ressignificar textos lidos durante a formação inicial e que foram abordados no contexto do PIBID.

[...] textos que eu não iria buscar pra ler e que como estava no programa ali me incentivou a ler aqueles textos, aquele material. Alguns textos eu li durante a graduação, quando eu li durante a graduação eu tinha uma visão daquele material que foi publicado, quando eu fui reler esse texto depois de alguns anos agora para o PIBID, eu tive outra compreensão daquele texto (PS₁).

O PS₂ afirma que, a sua participação no PIBID, abriu caminhos para novas práticas pedagógicas favorecendo assim, uma formação contínua.

[...] porque muitas coisas que eu vi no PIBID, eu não tinha visto antes, já podem ser aplicadas, então você acaba criando um novo caminho, porque a partir do momento, você já consegue ver novas práticas pedagógicas e de repente você pode modificar alguma coisa e tentar

inserir no seu trabalho, então de uma certa forma, é uma formação continuada sim (PS₂).

Ao analisar as falas dos supervisores, observa-se que o PIBID proporciona uma amplitude de práticas e ferramentas pedagógicas, tornando-se um processo contínuo. De acordo com Marcolan e Maldaner (2015, p. 214), “a formação continuada é uma formação sempre e cada vez mais necessária devido às mudanças que ocorrem nas orientações curriculares e nas necessidades socioculturais”. Por isso que a formação continuada é importante, pois o professor pode aprender por meio dos alunos que estão em sua formação inicial, algo, que possa melhorar suas práticas pedagógicas.

Porém é de grande valia afirmar, que o PIBID não forma totalmente o profissional da educação, mas ele possui condições favoráveis para a formação de tal profissional (MESQUITA, 2015). Dessa forma, o PIBID não é o salvacionista para uma formação continuada, porém contribui bastante, fazendo com que os bolsistas, como também os supervisores e o coordenador de área busquem a leitura, a escrita, os ajuda a ser formadores de opiniões, como também trocar informações com o alunado, ajudando assim, na sua formação.

Em relação ao efeito do PIBID na sua formação, os professores supervisores relataram que:

[...] a inserção de mais jogos, então, uma formação complementar de mais jogos, a reflexão de atividades, já que com esse trabalho de você aplica, avalia e reflete no que foi aprendido ou não, a gente começa a perceber isso também na nossa prática diária e o envolvimento com os bolsistas (PS₁).

É interessante ver na fala de PS₁ que, vivenciar metodologias novas em sala de aula através da experiência que teve no PIBID, contribuíram para a formação do supervisor aprendendo novos meios de ensino com o licenciando.

PS₂, aborda a questão de preparação de aula, falando da necessidade em modificar algumas questões como a apresentação das aulas, a questão da sequência de conteúdo, ele vendo essa nova maneira que o aluno bolsista leva para a sala de aula, ele leva ideias para que possam ser desenvolvidas durante as suas aulas.

[...] o PIBID fez exatamente isso, ele mostrou que não é simplesmente encher o quadro, explicar e ir embora. Não! A gente tem que ter: concepções dos alunos, experiências dos alunos, a gente precisa entender um pouco as vezes o contexto social em que o aluno está inserido, coisas que as vezes a gente acha que não é da nossa alçada, mas que infelizmente, se é professor tá no contexto, você tem que participar disso (PS₂).

Nota-se que, o PS₂, apresenta uma nova visão relacionada as práticas de ensino e que saindo um pouco da visão conteudista, começou a priorizar outros aspectos sem deixar de lado a parte Química, fazendo com que suas metodologias de ensino sejam um centro de atenção e interesse para o alunado.

Para Maldaner (1999), a formação de professores se dá por meio de um processo permanente, ou seja, desde quando o indivíduo tem o seu primeiro contato com o professor, até o dia que ele se forma em um curso de licenciatura, ressaltando que é um processo inacabado.

O PIBID abre caminhos para que os professores possam mudar sua prática docente através do contato com os bolsistas, pois eles observam como utilizar novas práticas pedagógicas. Através da análise das intervenções dos bolsistas, o PS₁, começou a inserir mais jogos didáticos em suas aulas.

[...] comecei a colocar mais jogos didáticos para praticar junto com os estudantes. Porque eu percebi, que eles [...] acharam interessante aquela metodologia, aí eu comecei a implementar na sala, mais por um pedido deles (PS₁).

De acordo com essa fala, observa-se que a inserção de jogos didáticos favorece o interesse do aluno pelo conteúdo e com essas novas práticas pedagógicas ocorre ampliação do interesse em aprender os conteúdos.

O PS₃ afirma que não é fácil mudar suas metodologias de ensino devido ao contexto da rede de educação de ensino, porém ele pode vivenciar algumas metodologias novas que o PIBID ofereceu, contribuindo para a sua formação continuada.

[...] Eu diria que mudar, mudar, mudar muito não né? Porque como eu disse o sistema está em nossa volta, são metas, são avaliações que têm que ser colocadas daquela maneira as vezes tradicional, mas o que é que pode fazer ou sempre tem que fazer é vivenciar uma coisa nova, como eu disse a você, eu quero aplicar novas metodologias em sala de aula baseadas nessa experiência que eu tive com o PIBID (PS₃).

O PIBID pode ser considerado como uma formação continuada, pois durante as suas ações, trabalha com novas metodologias que podem ser aplicadas em suas aulas de forma atualizada, através de experimentos, jogos, elaboração e aplicação de materiais didáticos como também a discussão de conceitos sobre determinados temas.

Maldaner (2006) afirma que, quando o professor detém de todo conhecimento sem deixar com que os alunos expressem suas ideias e reflexões, pode ser considerado como um modelo tradicional. Por isso que a formação continuada é importante, pois o professor

pode aprender por meio dos alunos que estão em sua formação inicial, algo, que possa melhorar suas práticas pedagógicas.

Ao realizarem uma avaliação crítica sobre a sua participação no PIBID e sobre a forma que as atividades foram desenvolvidas os supervisores relataram que:

Eu considero a minha participação no PIBID muito produtiva, tanto pra mim, quanto pros estudantes que tive envolvido, quanto os colaboradores. Sobre o programa em si os dezoito meses, foram os dezoito meses vividos bem intensamente, por todos os participantes do projeto (PS₁).

Com relação ao PIBID, eu acho que a participação, ou pelo menos a minha participação, ela foi de uma certa forma, foi uma participação boa, porque? O que houve, o objetivo principal, eu percebi isso, o objetivo principal ele foi atingido que é basicamente, colocar ou oportunizar os alunos da Educação Superior, entrar em contato com a Educação Básica, com a realidade e de uma certa forma, conseguir perceber isso (PS₂).

Para Mesquita (2015), o PIBID possibilita uma maior aproximação entre escola e universidade, pois fortalece a formação continuada de professores, priorizando uma aproximação entre o cotidiano com a prática. A partir dos relatos dos professores supervisores verifica-se que, o PIBID cria oportunidades para a construção permanente da identidade docente, possibilitando a reflexão sobre a prática pedagógica e a troca de conhecimentos entre licenciandos, professores da Educação Básica e Universitários.

5. CONCLUSÃO

A partir da análise dos resultados, é possível afirmar que o PIBID pode ser um espaço para a formação contínua tanto para os professores da Educação Básica quanto para os do Ensino Superior.

Por meio dos relatos dos supervisores, pode afirmar que a tríade formativa foi efetivada principalmente, com o coordenador de área, mas, seria necessário um maior envolvimento com os colaboradores durante as ações que foram desenvolvidas no PIBID. Mas, mesmo assim, essa relação apresentou efeitos positivos, pois aproximou o Ensino Básico com o Ensino Superior através de novas ferramentas pedagógicas facilitando a aprendizagem através da interação e troca de informações entre professores da Educação Básica e Formadores e licenciandos.

Por fim, o programa conseguiu atingir os objetivos através das práticas docentes possibilitando a formação continuada dos supervisores, onde não vinha ocorrendo ao

longo da carreira dos professores e o PIBID efetiva essa situação, promovendo uma maior interação entre a escola e a universidade criando oportunidades para a melhoria da formação dos profissionais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 11. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Edital CAPES n°. 7/2018. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Chamada Pública para apresentação de propostas edital n°. 7/2018**. Brasília, DF, 18 de dezembro de 2018.

BRASIL. Edital MEC/CAPES/FNDE. **Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília, DF, 12 de dezembro de 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

HOSS, M.; CATEN, C. S. TEN. Processo de Validação Interna de um Questionário em uma Survey Research Sobre ISO 9001:2000. **Produto & Produção**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p. 104–119, 2010.

LIMA, J. P. M. PIBID Química de Itabaiana: Instrumento potencializador da formação inicial de professores. *In*: MAYNARD, D. C. S.; COSTA, P. R. S. M. **Iniciação à Docência e Residência Pedagógica na UFS, relatos, experiências e perspectivas**. EDUPE: Recife, PE, 2020.

LIMA, J. P. M. **Uma luz no fim do túnel: O PIBID como possibilidade de melhoria da formação inicial de professores no curso de licenciatura em química da Universidade Federal de Sergipe/Campus de São Cristóvão**. Tese de doutorado em Educação. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2018.

LIMA, J. P.; PAGAN, A. A.; SUSSUCHI, E. M. A Matriz Curricular de um curso de Licenciatura em Química do Nordeste Brasileiro após adequação as Diretrizes Curriculares (2002). **Scientia Plena**. v. 9, n. 7, 2013.

MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de Química**. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, RS, 2006.

MALDANER, O. A. A pesquisa como perspectiva de formação continuada do professor de Química. **Química Nova**, 1999.

MARÇAL, L. M. P. C. L. **A formação inicial dos educadores: professores e professoras**. Rizoma freiriano, Espanha, v. 12, n. 12, 2012.

MARCOLAN, S. G.; MALDANER, O. A. Espaços de formação continuada de professores em escolas pequenas e isoladas: uma lacuna a ser preenchida. **Química Nova na Escola**. São Paulo, SP, v. 37, n. 3, 2015.

MELLO, G. N. Formação Inicial de Professores para a Educação Básica uma (re)visão radical. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, 2000.

MENEZES, L. C. **A ausência feminina entre os professores associados do Instituto de Matemática da UFBA**. 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Anais. Minas Gerais, MG, 2014.

MESQUITA, J. M. **O PIBID e o papel das tríades formativas na formação inicial e continuada de professores de Ciências: a formação de professores de química em questão**. Dissertação em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal do Ceará (UFC), 2015.

PIMENTA, S. G., LIMA, M. S. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, SP, 2012.

ROSA, M. I. F. P. S., SCHNETZLER, R. P. A investigação-ação na formação continuada de professor de Ciências. **Revista Ciências e Educação**. v. 9, n. 1, 2003.

SILVA, R. M. G., SCHNETZLER, R. P. Constituição de professores universitários de disciplinas sobre o ensino de Química. **Química Nova**, v. 28, n. 6, 2005.

SOUZA, A. R. O. O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho. **Educar em Revista**, Curitiba, PR, n. 48, 2013.

SOUZA, R. S. B.; LIMA, J. P. M. A visão de supervisores do PIBID/QUÍMICA da Universidade Federal de Sergipe/ *Campus* de São Cristóvão sobre ações desenvolvidas

no projeto. *In*: LIMA, J. P. M. **Ação, Pesquisa e Reflexão nas atividades do PIBID/QUÍMICA da Universidade Federal de Sergipe Campus de São Cristóvão**. Pedro e João Editores: São Carlos, SP, 2017.

STANZANI, E. L.; OBARA, C. E.; PASSOS, M. M. Uma análise da formação iniciada e continuada de professores no PIBID/Química da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Ciências e Ideias**, Londrina, PR, v. 7, n. 1, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS). **Estrutura do Campus**. São Cristóvão, 2017. Disponível em: < <http://itabaiana.ufs.br/pagina/20171-estrutura-do-campus> >. Acessado em 14 de novembro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS). **Plano de Expansão 2005 – 2008**. São Cristóvão, nov. 2004. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf&Itemid=30192 >. Acessado em: 28 de outubro de 2020.

ZANON, L. B.; SCHNETZLER, R. P. **Elaboração conceitual de prática docente em interações triádicas na formação inicial de professores de química**. IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. São Paulo, SP, 2003.

ZEULLI, E.; BORGES, M. C.; ALVES, V. A.; JÚNIOR, A. P. O. **O PIBID e a formação inicial dos professores da UFTM: diferentes experiências entre seus atores**. XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE. Anais. Campinas, SP, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO QUE SERÁ UTILIZADO PARA ENTREVISTA

Este roteiro de entrevista foi elaborado com base nos trabalhos de LIMA (2018) e SOUZA; LIMA (2017), o seu desenvolvimento vem ocorrendo nas disciplinas de Pesquisa em Ensino de Química I e II da Universidade Federal de Sergipe (UFS/Itabaiana), o produto dessa pesquisa é o Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria da discente Thaylla Moniza de Sá Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima.

Peço que responda às questões abaixo. Sei que isto requer a sua paciência e tolerância; porém, não dispomos de dados atualizados sobre o papel do PIBID na formação continuada de professores de Química. Os dados serão tratados de modo a garantir o anonimato dos respondentes. Para tal, serão adotados procedimentos éticos: na apresentação dos dados, as suas respostas serão embaralhadas às do grupo e códigos serão usados para identificação dos sujeitos. A primeira parte da entrevista é relacionada à identificação do seu perfil. Em seguida, são apresentadas as questões mais específicas do trabalho. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço pela colaboração, colocando-me à disposição para outros esclarecimentos.

Thaylla Moniza de Sá Oliveira
thayllamoniza@hotmail.com

Identificação: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

I. Perfil dos sujeitos:

1. Sexo () Masculino () Feminino
2. Idade: _____
3. formação Acadêmica: _____
4. Titulação: _____

5. Quanto tempo você atua como docente? _____

II. Formação Inicial:

6. Fale um pouco sobre sua formação inicial?
7. Durante a formação inicial você participou de projetos envolvendo o seu curso de Licenciatura e as escolas da Educação Básica? Fale um pouco sobre isso.
8. Durante a sua formação inicial você participou de algum projeto que envolvesse professores da Educação Básica e seus professores do Ensino Superior? Comente essa afirmação.
9. Durante a sua formação inicial como foi o seu contato com o processo de elaboração e aplicação de materiais didáticos na Educação Básica?
10. Durante a sua formação inicial você escreveu, apresentou e/ou publicou trabalhos científicos na área de Pesquisa em Educação Química? Fale sobre isso.

III. Formação Continuada:

11. Você já participou ou participa de algum programa de formação continuada? Comente a sua resposta.
12. Caso sua afirmação anterior tenha sido positiva, comente como foi a relação entre você e os profissionais responsáveis pelo curso.
13. Sua participação no PIBID pode ser considerada, como uma formação continuada? Explique sua resposta.

IV: PIBID

14. O que você poderia falar sobre o subprojeto do PIBID/Química da UFS, que você participou?
15. Como você avalia a sua relação com os bolsistas, coordenador de área do subprojeto e os professores colaboradores do Ensino Superior?
16. Fale um pouco sobre o seu envolvimento nas atividades:
 - A) elaboração, avaliação e aplicação de materiais didáticos;
 - B) elaboração, apresentação e publicação de trabalhos científicos;
 - C) participação nas reuniões coletivas;
 - D) escrita do diário individual;

17. O que você poderia apresentar de destaque em relação ao efeito do PIBID na sua formação?
18. Realize uma avaliação crítica sobre a sua participação no PIBID e sobre a forma que as atividades foram desenvolvidas.
19. Quais aspectos positivos e negativos, em relação as ações desenvolvidas no PIBID.
20. Após participar do PIBID, você sente ou já sentiu necessidade de mudar sua prática docente? Justifique sua resposta.
21. Qual o seu olhar sobre as atividades que foram desenvolvidas em sua escola?
22. Se tivesse que sugerir algo a ser modificado nas ações do PIBID, o que seria? Explique sua resposta.
23. Existe algo que deseja acrescentar e que considere relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa?

APÊNDICE B: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista com professor supervisor PS₁

Obs: E: Thaylla

PS₁: Professor Supervisor 1

E: Olá, bom dia! Prazer Thaylla, tudo bem?

PS₁: Bom dia, prazer, tudo bem!

E: Vamos começar a nossa entrevista?

PS₁: Vamos!

E: Então, como falei meu projeto de pesquisa tem como título Supervisores do PIBID: O que o programa tem a oferecer a sua formação? Tendo como objetivo geral: Investigar o papel do PIBID na formação continuada de supervisores do subprojeto de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, referente as atividades do edital nº 7/2018 da CAPES. Este roteiro de entrevista foi elaborado com base nos trabalhos de LIMA (2018) e SOUZA; LIMA (2017), o seu desenvolvimento vem ocorrendo nas disciplinas de Pesquisa em Ensino de Química I e II da Universidade Federal de Sergipe (UFS/Itabaiana), tendo como produto o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Thaylla Moniza de Sá Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima. Peço que fique à vontade para responder às questões abaixo. Sei que isto requer a sua paciência e tolerância; porém, não dispomos de dados atualizados sobre o papel do PIBID na formação continuada de professores de Química. Os dados serão tratados de modo a garantir o anonimato dos respondentes. Para tal, serão adotados procedimentos éticos: na apresentação dos dados, as suas respostas serão embaralhadas às do grupo e códigos serão usados para identificação dos sujeitos. A primeira parte da entrevista é relacionada à identificação do seu perfil. Em seguida, são apresentadas as questões mais específicas do trabalho. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço pela colaboração, colocando-me à disposição para outros esclarecimentos.

E: Qual o seu sexo?

PS₁: Masculino.

E: Qual a sua idade?

PS₁: 32 anos.

E: Sua formação acadêmica?

PS₁: Eu tenho graduação e licenciatura em Química pelo *Campus* de Itabaiana, que é o campus que você está fazendo aí a sua pesquisa e tá estudando também né?

E: Isso!

PS₁: Eu tenho mestrado em Química pela UFS e doutorado em Ciências em engenharia de materiais pela UFS também!

E: Certo. Quanto tempo você atua como docente?

PS₁: 09 anos. Não em sequência, mas, porque eu trabalhei 2009 e 2010 depois de 2013 a 2020, então dá mais ou menos 09 anos.

E: Agora, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória na formação inicial.

PS₁: Então a minha formação inicial, foi no *Campus* de Itabaiana, eu fui da primeira turma de Química do *Campus* Professor Alberto Carvalho, naquela implementação do *Campus* eu fui da primeira turma. Na minha formação inicial eu fui monitor de duas disciplinas Química dos Compostos Inorgânicos I e Química dos Compostos Inorgânicos II. Fiz iniciação científica na área Química Inorgânica, então isso aí foi predominante para fazer o mestrado e por fim, também cursar o doutorado e que foram experiências que me serviram de base para seguir na pós graduação. Fiz, muito trabalho também na área de ensino de Química, nas disciplinas, na própria disciplina do curso, a gente trabalhou muito com a pesquisa no ensino de Química, então eu desenvolvi muito trabalho também nessa área, então também não fugir tanto da parte da licenciatura, não fiquei focado assim, na pesquisa em inorgânica, por que tem muito trabalho meu também, publicado na área de Ensino de Química.

E: Durante a sua formação inicial você participou de projetos envolvendo o seu curso de Licenciatura e as escolas da Educação Básica?

PS₁: Sim, sim!

E: Fale um pouco como foi essa experiência.

PS₁: Então, no primeiro ou segundo. Final do primeiro período, início do segundo período a gente teve a primeira OCMEA né? Oficina de Ciências, Matemática... eu não lembro a sigla lá, mas vocês devem conhecer a OCMEA.

E: Sim, já participei!

PS₁: Então, foi o primeiro evento que o *Campus* desenvolveu e teve aquele primeiro contato com a Educação Básica, então foram duplas, eu e um colega nós apresentamos uma oficina, então aquele foi o primeiro contato mesmo relacionado a sala de aula e em

sequência, a gente apresentou oficina em Ribeirópolis em uma escola no mesmo estilo da OCMEA, passamos uma manhã e uma tarde nessa escola apresentando os nossos trabalhos e nossas oficinas e durante o curso, durante as oficinas a gente produzia material didático, as vezes aplicava esse material didático e ia para eventos científicos fazer apresentação desses trabalhos e no meio do curso eu comecei a trabalhar, a dar aula. Então, alguns materiais didáticos que eram produzidos na Universidade naquele momento eu aplicava na sala e aí analisava os resultados e via o que poderia melhorar para poder replicar novamente, então, foi nesse sentido.

E: Como licenciando você participou de algum projeto e/ou curso de extensão que envolvesse educação básica e superior?

PS1: É! O projeto de extensão a OCMEA. Participei da OCMEA que é projeto de extensão da Universidade e tem as pesquisas das disciplinas.

E: E como foi essa experiência em participar com o alunado?

PS1: Foi aquele primeiro contato com a Educação Básica, em relação ao ser professor, ir dá aula, então, é um desafio né? Foi um desafio! E foi bem gratificante! Porque é um início, quando você entra num curso de licenciatura, as vezes você não sabe se você vai querer ser professor, ou não ser professor, isso aí vai amadurecendo com um tempo. Dificilmente, principalmente minha turma, quando perguntavam: “Vocês querem ser professor?” Quase nenhum aluno responde no primeiro período quero. Ou entrei realmente porque quero ser professor. Até pela forma, como foi o nosso ingresso, eu fiz vestibular no final do ano para Farmácia e aí no meio do ano antes de entrar no curso de Farmácia, teve vestibular para Química aqui em Itabaiana e eu fiz o vestibular para aqui, então minha ideia inicial do curso de Química Licenciatura não era ser professor e essa vontade, esse desejo foi crescendo ao longo do curso e a partir dessas atividades desenvolvidas, se não tivessem e fossem somente teoria, talvez eu tivesse mudado de curso, talvez eu teria feito Química Industrial ou Química Bacharelado.

E: Durante o curso de graduação foi possível elaborar e aplicar materiais didáticos na Educação Básica?

PS1: Foi! Tinha umas disciplinas Temas Estruturadores Para Ensino de Química acho que foi de I à IV e nesses temas a gente conseguia produzir materiais didáticos e aplicou no caso. Quando eu comecei a aplicar, eu já era docente, então, eu fazendo a disciplina o material que eu produzia com a orientação dos professores da Universidade eu aplicava na minha própria sala de aula. Eu fiz, estágio mesmo, eu fiz o estágio de observação que foi o Estágio I, que eu não estava trabalhando ainda e o Estágio II eu dei duas aulas e

depois já fiquei como docente. Então, o material que era produzido na Universidade a gente aplicava na escola.

E: Fale um pouco como se deu esse processo na elaboração desses materiais?

PS₁: Então, como eu lhe falei, era nas disciplinas a gente tinha um acompanhamento semanal, quinzenal mais ou menos, os professores pediam para a gente escolher temas e a partir daquele tema você ia desenvolver algum material geralmente eu gosto muito da experimentação, então todas as oficinas, todos os meus trabalhos tinha lá algum experimento e eles iam acompanhando a formação daquele material e depois também a aplicação, como foi, os resultados, quais resultados a gente poderia mudar daquele material que foi produzido, que as vezes a gente produzia um material e tinha um tempo, vamos demorar 50 minutos nessa atividade e as vezes 50 minutos era pouco ou as vezes 50 minutos era muito e a gente foi melhorando o material a cada aplicação.

E: Durante a sua formação inicial você escreveu, apresentou e/ou publicou trabalhos científicos na área de Pesquisa em Educação Química?

PS₁: Sim, vários!

E: Fale um pouco sobre isso.

PS₁: Particpei de duas, ou foram três reuniões da SBQ, participei do ENEQ que é o Encontro Nacional de Ensino de Química, participei do Encontro Nacional de Estudantes de Químicas e alguns eventos locais, então, a gente produzia muito material na Universidade, muito por incentivo dos nossos professores, então, nossa turma ela vivenciou muito a Universidade, nosso curso ele tinha aulas de manhã e a tarde e todo mundo ficava o dia todo na Universidade, então eu aproveitava muito esse tempo. Quando não estava no laboratório, estava fazendo pesquisa em Química Inorgânica ou dando monitoria a gente tava tentando produzir material pra aula mesmo e aplicar esses materiais, como muitos colegas também conseguiram iniciar a docência antes de concluir o curso a gente aplicava muito material, então, pedia para aplicar “aplique esse material aqui pra mim, pra ver como é que dá lá na sua turma”, a gente tinha muita essa troca de experiência que gerava dados científicos que foram publicados, inclusive, o meu TCC, a gente tinha a opção se poderia fazer em forma de artigo ou em forma de monografia. Em forma de artigo ele teria eu ser aceito em algum evento e no caso o meu ele foi como artigo, não fiz o TCC em forma de monografia e apresentei no Encontro Nacional de Ensino de Química.

E: Fale um pouco mais, como se deu o processo da escrita desses trabalhos científicos.

PS1: A escrita, nós tivemos muita, eu acho que assim, quando a gente pensava em professor de Universidade a gente pensava em uma barreira muito grande entre o aluno e o professor e no caso da minha turma, os nossos professores a gente não tinha essa barreira, então, eles auxiliavam e muito a gente a tudo, tudo, tudo mesmo! Precisou, eles estavam disponíveis, a gente batia lá na porta das salinhas deles “professor a gente precisa disso aqui e tal” e eles ajudavam, em relação a isso na iniciação científica eu tive ajuda, além dos professores da área de ensino, porque a forma de escrever o trabalho na área de ensino é diferente da forma que se escreve, por exemplo o trabalho de química inorgânica, mais eu tive muita ajuda dos meus dois orientadores (professor cita o nome do seu orientador) que também fiz trabalhos de ensino com ele e de (professor cita o nome do seu orientador) que também, foram os meus dois orientadores de Química Inorgânica que a gente fez trabalho na área de ensino, então eu chegava para [...], inclusive (professor cita o nome do seu orientador) foi meu orientador do TCC e ele é professor de Química Inorgânica, então eu chegava pra ele “professor e aí essa [...]”, porque ele foi professor de Ensino Médio e ele já tinha uma bagagem e ele auxiliava em relação a isso, “professor e essa questão dessa atividade aqui, tem como a gente se desenvolver e tal?” e ele ia dando o auxílio tanto na hora de planejar a atividade, quanto também na parte escrita, a gente mandava pra ele a primeira versão, ele analisava, sentava foi uma coisa que fez muito melhorar e foi em relação a isso, a gente pegava eu mandava pra ele, ele corrigia e mandava aquele texto cheio de letra vermelha dizendo tem que melhorar isso e tal, ele pegava e dizia assim: “Vamos ver aqui, o seu trabalho” e a gente lia linha a linha e sentava e ia corrigindo linha a linha os dois né? Então, isso facilita muito, principalmente no TCC, que a gente precisava escrever ou a monografia ou o artigo, a gente decidiu pelo artigo aí ele ficava [...], aí ele disse você mande todo completo pra mim, e quando ele tiver pronto a gente vai olhar linha a linha. Então, eu mandei todo pra ele, ele analisou depois ele me chamou e a gente foi adequando, foi muito produtiva essa forma, como os professores tratavam a gente.

E: Fale mais um pouco sobre como foi a sua apresentação, durante os trabalhos científicos.

PS1: A primeira apresentação que eu fiz, foi em banner, em um evento foi no ENEQ, que foi no Encontro Nacional de Estudantes em Química, em Fortaleza. No início você fica meio sem saber o que você quer falar um monte de coisa lá na hora do banner e com o tempo você vai melhorando, vai percebendo o que você deve falar, você deixa o pessoal ler lá no banner, então, quando [...] foi uma turma daqui do Campus de Itabaiana pra lá,

pra esse evento, então todo mundo quando chegava, era todo mundo bastante empolgado falava introdução, objetivo, todo procedimento, metodologia, resultados e não sei o que, só faltava falar as referências e aí no evento você começa a circular e buscar pessoas que já apresentaram há mais tempo, professores e tal e você vai aprendendo no evento como melhorar as suas apresentações e assim é uma questão de experiência, não tem um tutorial, você deve fazer isso, e isso é questão de experiência ver o público que tá ali naquele evento, [...] as vezes a gente está em feiras de ciências né? Eu participo muito de feiras de ciências e [...] os alunos estão apresentando ali e tal e aí você percebe que é um linguajar totalmente diferente de quando você eu vou apresentar um trabalho. Então, é uma questão de adequação, porque você vai aprendendo isso com o tempo, não tem um tutorial que você vai olhar e dizer se apresentar a nível nacional tem que apresentar desse jeito, se for a nível internacional tem que ser desse outro jeito. Você vai aprendendo e percebendo com o tempo, aquela questão de experiência com algo, exemplo, você está dando aula em uma turma e tem dois primeiros anos e um primeiro ano, pode ser que você consiga aprofundar mais no assunto, no outro pode ser que não, então, você vai pegando esse jeito aí dessas apresentações.

E: Você já participou ou participa de algum projeto de formação continuada?

PS1: Eu tô participando do PROLICE, que é um programa novo que tem agora de apoio pedagógico que é com a (professor cita o nome de uma professora do ensino superior) ele não é especialmente, um programa de formação continuada, mas que vai dá essa formação, até porque faz no estilo do PIBID, que é aquelas reuniões de grupo, manda textos no grupo pra gente ler, então é aquela leitura de texto, discussão de texto e tema que traz essa formação continuada pra gente e se não tivesse no programa eu não ia buscar aquele texto pra ler, como estou lá no programa eu vejo aquele texto vejo o título, acho interessante e vou lá ver o que tem aqui e vou ler.

E: Como se dá a relação entre você e os profissionais responsáveis pelo curso nesse projeto?

PS1: Bem, eu tenho contato direto com (professor cita o nome de uma professora do ensino superior) e tem pouco tempo que a gente iniciou, tem acho que menos de um mês que nós conseguimos aí, alinhar tudo, então é bem tranquilo, (professor cita o nome de uma professora do ensino superior) eu já conheço faz tempo, então essa questão de já conhecer ela, facilita muito o contato e tá bem interessante. É uma proposta parecida com a do PIBID, que eu vivenciei nesse último ano e tá sendo bem relevante.

E: Sua participação como supervisor do PIBID ela pode ser considerada uma formação continuada?

PS₁: Da mesma forma, que esse outro projeto, [...] os professores que estão coordenando eles trabalham inicialmente, com estudos teóricos na área de Ensino de Química, no caso do PIBID foi um tempo muito grande, desse outro do PROLICE como começou agora não sei quanto tempo vai demorar esse estudo teórico, a gente tem um planejamento aí, mais o planejamento devido a essa pandemia está meio complexo, e pode ser maior ou pode ser até fevereiro que é o que está planejado lá, então, no PIBID, a primeira parte inicial, acho que nos primeiros seis meses, nós semanalmente estávamos na Universidade discutindo algum artigo, ou algum capítulo de livro, algum texto sobre ensino de ciências. Nesse ponto, além do que eu te falei, que são textos que eu não iria buscar pra ler e que como estava no programa ali me incentivou a ler aqueles textos, aquele material, alguns textos eu li durante a graduação, quando eu li durante a graduação eu tinha uma visão daquele material que foi publicado, quando eu fui reler esse texto depois de alguns anos agora para o PIBID, eu tive outra compreensão daquele texto, aí você começa a perceber algumas coisas de outra forma, porque no início quando eu li, por exemplo, foi um texto de Marcelo Giordan sobre a experimentação, eu li no primeiro período, então eu não tinha noção do que era essa vivência na docência e quando eu li depois, agora aí você já pega outros aspectos o que o texto queria informar, ou o que ele queria dizer, então, tem essa questão também, essa atualização de ideias e teve a discussão com outros supervisores, a gente tinha três supervisores a gente discutia, tanto lá quanto fora, a gente conversava no grupo do WhatsApp “e aí essa atividade?”. Então, teve essa interação, tinha essa interação com o coordenador de área, e tinha interação com [...] eu não lembro se eles chamavam de colaboradores, eles eram professores da Universidade e estavam [...] junto com a gente. Eu tive contato direto com (professor cita nome de um colaborador) que eu não conhecia, é uma professora que eu não conhecia do departamento, [...] um outro colaborador (professor cita nome de um colaborador) então, (professor cita nome de um colaborador) foi o meu professor na Universidade e tava como colaborador, foi muito interessante, tinha (professor cita o nome do coordenador de área) que foi o próprio coordenador do projeto mais que também estava orientando alguns alunos que estavam na minha escola e tinha o contato entre me e os outros supervisores e também os outros estudantes que as vezes eles traziam umas ideias bem, bem interessantes, até porque eles estavam naquele processo, naquela vontade, na questão do material diversificado que auxiliou na nossa prática, [...] principalmente, a questão de jogos, eu não trabalhava muito com a questão

de jogos didáticos, eu tinha lá uns três jogos que eu tenho e que utilizo, mais eram só aqueles três jogos não tinha uma diversidade e com o PIBID, eles [...] com cada dupla fez pelo menos um jogo didático, então, já abriu um leque para eu poder trabalhar com outros jogos que estavam ali prontos e só precisava adaptar com relação a conteúdo programático, então, deu essa formação sobre principalmente essa questão do lúdico, porque uma parte que eu utilizo muito é a experimentação, eu utilizava, como eu falei eu tinha três jogos ali, e utilizava sempre com eles, mas, que eu pude acrescentar na minha formação uma quantidade maior de jogos.

E: Mas, na sua opinião, você acha que o PIBID ele pode ser considerado uma formação continuada?

PS1: Pode, com certeza! Uma formação continuada para a gente, uma atualização para todos os [...] não só para a gente, enquanto supervisor, mais também para os colaboradores, porque teve um episódio que marcou muito lá na escola. (Professor cita o nome do colaborador) ele foi assistir as oficinas e aí ele ficou numa sala assistindo uma oficina que estava lá sendo ministrada pelos alunos, quando acabou ele veio e falou comigo: “Eu não sei, como vocês conseguem dá aula aqui, eu não conseguiria dá aula, eu dou parabéns a vocês porque vocês não tem estrutura nenhuma”, porque a gente não tinha e não tem estrutura e ele disse que tem que ter muita paciência com, com adolescente que ele disse que não tem, ele disse “olhe sinceramente, eu nunca tinha vindo assistir uma aula na Educação Básica”, então ele não deu aula na Educação Básica, ele disse que nunca tinha vindo assistir, então aquilo ali serve muito pra ele, e até ele falou para analisar, quando o aluno chega no primeiro período, as vezes ele pega um aluno do primeiro período ele não entende muito como ele se deu e como ocorreu essa formação inicial dele na Educação Básica e a partir do PIBID né? Sem o PIBID ele não ia lá assistir uma aula da Educação Básica, então particularmente, o PIBID ele também teve essa formação, também teve essa informação e essa vivência que ele não teria se não fosse o PIBID e se não tivesse esse programa de colaboração do PIBID e aí, foi um ponto que eu achei [...] muito interessante essa questão de colaboração de outros professores, até porque quando você é professor do curso de licenciatura, você deve vivenciar um pouco a licenciatura, não só a licenciatura lá no departamento porque é bem diferente e eles começaram a perceber isso e a entender que é diferente de você dá aula lá pro aluno que está focado, pro aluno que quer se formar em Química pro aluno que não sabe ainda o que quer e nem sequer então, o PIBID foi uma formação continuada eu acho que pra todos.

E: O que você poderia falar sobre o subprojeto do PIBID Química da UFS que você participou referente ao edital n°. 7/2018?

PS1: A partir, desse edital do projeto do PIBID, eu percebi dos estudantes já que nós tínhamos lá essas discussões de cursos, amadurecimento muito grande em um intervalo relativamente pequeno de tempo, porque você imagine aí 18 meses da menos que isso, porque no final do curso a gente ficou para escrever artigos científicos, até a forma deles escreverem trabalhos eles melhoraram a escrita científica deles, a oralidade, então, [...] principalmente os meninos que eu acompanhei o amadurecimento, a forma de se comunicar, ela melhorou e muito ao longo do PIBID e para os estudantes da licenciatura, foi um ganho enorme essa participação nesse projeto, eles conseguiram apresentar trabalhos em eventos científicos, então eu até tava conversando com eles semana passada que alguns deles estão nesse outro projeto que é o PROLICE e a gente tem reunião né? E na reunião de semana passada eu tava até conversando com eles que tem professor da Educação Básica hoje que nunca apresentou trabalho em evento científico durante a graduação e já está dando aula e nunca apresentou e eles tiveram essa oportunidade de participar. Eu lembro que eles participaram do ENESQUIM, participaram de dois eventos do próprio PIBID e essa vivência é muito importante quando você vai pensar lá pra frente, no futuro, porque cada apresentação de eventos que você faz, você vai melhorando e essa melhora, deve ser também refletida em sala de aula quando você for trabalhar lá com seus alunos, então, para os estudantes teve esse amadurecimento, esse ganho, pra nós supervisores a gente fala também, nessa formação continuada, nessa vivência com o aluno da Universidade, porque as vezes a gente está lá na sala de aula e não tem essa vivência. A Universidade está trabalhando com pesquisa da área de ensino direto, sempre, então é uma coisa que a gente [...] precisa tá conectado com a Universidade até porque a gente precisa pegar esses novos [...] essas novas metodologias, essas metodologias mais ativas, no [...] Ensino de Química. Pra gente, a gente teve esse ganho enorme, pros colaboradores também, em questão de vivência, de analisar como é a Educação Básica e também pro coordenador do PIBID (professor cita o nome do coordenador de área). (Professor cita o nome do coordenador de área) ele também foi professor da Educação Básica, mais ele percebeu, que a Educação Básica não mudou da época que ele deu aula para agora, na verdade piorou, a gente tem escolas com estruturas físicas muito, muito ruins, então a escola que eu era supervisor no (professor cita o nome do colégio onde trabalha) é só um corredor, então, não tem pátio, não tem nada, é só um corredor com algumas salas e vamos ver o que é que dá sem ventilador, então data show eles tiveram que levar, porque a escola

não tinha, você percebe uma grande diferença em relação, por exemplo a Educação Superior, porque até voltando a fala de (professor cita o nome do colaborador) ele chega na sala te um data show lá instalado, ele pega o controle e liga lá o ar condicionado e foi sempre assim? Não! A Universidade, ela melhorou de 2006 quando nós entramos para agora, já a escola lá, a nossa escola de 2006 até agora não melhorou em nada, a única coisa que eles estão fazendo é pintar e somente, até para (professor cita o nome do coordenador de área) que é um professor formador de docentes é bom o convívio direto com a Educação Básica, principalmente ele, os outros professores é importante para cada um em sua área, mas principalmente para os professores da área de ensino, eles precisam vivenciar como a situação da [...] Educação Básica sempre, constante e as vezes você planeja [...] com uma atividade extremamente interessante, só que aí você vai precisar de uma caixa de som, de um data show, você precisa de um iluminador, você vai precisar de um microscópio, então você prepara aquela aula show, quando você chega na escola não! Aqui a gente tem esse quadro quase caindo, tem esses dois tem um pincel aqui e tem um apagador se vire! Não tem data show, não tem nada, então, é bom sempre tá percebendo essas realidades, pra quando for trabalhar aí com vocês, trabalhar também nesse ideal que tem escolas que tem e com o mais real, porque é o que a gente fala ne? Nós enquanto professores, quando a gente tá conversando sobre isso, a gente diz, que tem as escolas modelos que tem laboratório de Química, que tem tudo equipado e tem as escolas reais que é no caso a maioria, que não tem laboratório de Química, não tem laboratório de informática, tem um data show para a escola toda, até os quadros [...] não são de boa qualidade, então o PIBID serviu pra esse projeto que eu participei da forma que foi, ele serviu justamente para essa integração e dá meio que um choque de realidade em alguns profissionais principalmente, para os professores de Ensino Superior e até mesmo para os alunos, porque assim, quando [...] nas reuniões iniciais a gente falava: “olha, tem aluno que você vai falar lá, que quanto é dois menos um ele diz um, se você disser um menos dois ele vai dizer um também” e ele “que nada cês tão aumentando demais!” e aí na hora, que eles foram para a sala de aula que começaram a perceber que há uma deficiência muito grande principalmente, no português e na matemática desses meninos, eles disseram: “vixe! Como vocês sofrem lá!”, porque há essa diferença de realidade e a cada ano, o que nós professores estamos percebendo é isso que a deficiência em português e matemática ela vem aumentando, ela vem crescendo [...] o aluno as vezes não sabe [...] fazer uma divisão simples, não sabe fazer uma multiplicação simples, colocou vírgula pronto, acabou-se o mundo [...] não sabe até utilizar uma calculadora, então as vezes a

gente tem que parar a aula olha vamos ter uma aula aqui de como utilizar uma calculadora“ esse ano eu fiz para o primeiro ano do Ensino Médio, porque como eles estão fazendo as atividades em casa e aí muitos estão utilizando a calculadora, só que muitos não sabem a diferença de vírgula e ponto e aí quando mandamos atividades a gente teve que parar a aula para ensinar como utilizar uma calculadora, “olhe, vamos pegar a calculadora do celular e vamos fazer umas continhas aqui, para vocês verem como é que se faz conta”. Então, está bem complexo [...] a formação desses meninos e quando você fala em português e matemática, afeta todo mundo, não adianta você falar “Ah! Química vai afetar só quando você dá um assunto de soluções.” Não! Afeta durante todo o Ensino Médio, porque tem uma questão de interpretação de linguagem que eles não têm que você vai ter que tá trabalhando. Então, deu esse choque aí e esse crescimento para todo mundo.

E: Como você avalia sua relação com os bolsistas?

PS₁: Foi uma relação muito boa, nós tínhamos grupos de [...] no WhatsApp com eles [...] eu tive reuniões presenciais com os bolsistas, porque tinha os bolsistas que a gente tinha reunião com todo mundo, com todos os supervisores os três supervisores e o coordenador de área, alguns colaboradores e todos os bolsistas e a gente fazia reunião, por exemplo, dos bolsistas do (professor cita o nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID). Então, eu tive reunião com (professor cita o nome de um colaborador) e as duas bolsistas dele, eu tive reunião com (professor cita o nome de um colaborador) e os dois bolsistas dela e tive reunião também com o (professor cita o nome do coordenador de área) que tinha alguns bolsistas. Então, a gente tinha esse contato e até hoje tem né? Eles de vez em quando entram em contato pra perguntar se eu tenho algum material, para responder alguma questão, então a gente tem esse contato até hoje, contato direto.

E: Como você avalia a sua relação com o coordenador de área do subprojeto?

PS₁: O coordenador (professor cita o nome do coordenador de área) ele foi o meu professor da Universidade, então a gente já tinha esse contato, já tínhamos trabalhado em projetos nas disciplinas que ele ministrava na Universidade, então foi uma parceria que continuou da graduação e a gente trouxe pro PIBID, então, muito produtivo.

E: Como você avalia a sua relação com os professores colaboradores do Ensino Superior?

PS₁: Também, extremamente produtiva! (professor cita o nome de um colaborador) eu conheço ele da graduação, então foi um professor meu, a gente tem um contato direto sempre e (professor cita o nome de um colaborador) eu não conhecia, conheci no PIBID e a gente criou uma amizade e uma parceria muito boa e (professor cita o nome do coordenador de área) que já era [...] supervisor do programa já! Então, já era esses três

professores do Ensino Superior que trabalharam comigo diretamente nesse projeto. Foi essencial, essa participação eu acho que em todos os projetos do PIBID, em todos os editais que tiveram eu acho essencial colocar esses professores colaboradores que o programa, os professores, todo mundo os docentes eles vão ganhar um aprendizado maior quando você tem esse professor da Universidade lá e começa a ver outras coisas de outra maneira e também colaborem muito, como falei, meus orientadores principalmente na graduação e que a gente fez trabalho em Ensino de Química eram de Inorgânica, eles me ajudavam e muito com a experiência de professor e mais, eles eram da área de Inorgânica. Com (professor cita o nome do coordenador de área) a gente, fazia trabalho mais na disciplina dele, eu acho muito importante, por eles serem professores formadores de [...] outros docentes. No Campus a gente só tem licenciatura em Química, então quem dá aula em Química Inorgânica, Orgânica, Físico-Química tá formando professor, não tem outro pensamento, essa aproximação com a Educação Básica é essencial.

E: Fale um pouco sobre o seu envolvimento nas atividades de elaboração, avaliação e aplicação de materiais didáticos.

PS₁: Na elaboração, nós discutimos inicialmente qual seria o tema de cada oficina eles buscaram temas relacionados a cidade de (professor cita o nome da cidade) já que a escola era de lá. Eu dei algumas sugestões, dei temas, eu falei que tinha muitos alunos que trabalhavam na casa de farinha lá, duas oficinas foram relacionadas a casa de farinha e também que muitos pais de alunos trabalhavam na Usina Pinheiro [...] e as outras duas oficinas foram realizadas sobre isso, então, a gente teve essa discussão inicial sobre os temas a partir dessa discussão inicial eles começaram a pensar sobre conteúdos científicos que iam trabalhados naquele tema e aí foi quando eles iniciaram com reuniões por exemplo, eu tive reunião com (professor cita o nome de um colaborador) e com as duas bolsistas, eu tive reunião (professor cita o nome de um colaborador) e com dois bolsistas, tive reunião com (professor cita o nome do coordenador de área) e com os bolsistas e teve reuniões separadas para poder analisar daquele tema, o que é que se pode trabalhar e aí dá as minhas sugestões, por exemplo, [...] um tema foi sobre a produção do açúcar e aí as meninas queriam falar sobre muitos conceitos científicos e durante o intervalo pequeno de tempo e aí eu falei “olhe, se isso aqui você, [...] tudo isso que você quer falar, não vai ter como, porque você vai embananar mais a cabeça dos meninos”, eu dava as minhas sugestões o coordenador dava as sugestões dele até construir essa [...] oficina, a elaboração foi muito nesse sentido, quando eles começaram a escrever a oficina eles mandavam pra mim, colaborador e depois a oficina pronta, foi enviada para (professor

cita o nome do coordenador), essa oficina ela foi testada lá no grupo, antes de ser aplicada para os alunos da Educação Básica, então, eles apresentaram pra gente e para os outros colegas, então cada supervisor, cada colaborador, cada aluno, cada bolsista pode dá as suas sugestões nessa oficina, a partir dessas sugestões a gente conversava de novo até ter esse material pronto, a elaboração e o planejamento foi dessa forma. No caso da aplicação, eles primeiro fizeram a aplicação no evento no ENESQUIM e aí eu não assistir a oficina deles, porque eu levei uma turma de lá da escola e a ideia é que eles assistissem uma oficina que não fosse apresentadas lá na escola, então, assistir uma outra oficina sobre o cangaço e na aplicação lá na escola, as duplas pediam para que eu não assistisse, porque eles diziam que ficavam muito nervosos, tal que não sei o que, que tinha problema de eu ficar na sala e que eles preferiam ficar entre eles lá com os meninos e na aplicação eu vi assim mesmo [...] só em um evento que fizemos depois lá na própria escola com todas as oficinas, que foram propostas aí eu assistir uma, mais em relação a aplicação mesmo no dia lá as quatro duplas pediram pra ficar sozinhos com os alunos, porque eles se sentiam mais a vontade e aí eu ficava na sala dos professores e dizia: “qualquer coisa, você dê um grito aí, que eu venho e vejo no que é que dá!” e foi assim.

E: Fale sobre o seu envolvimento nas atividades durante a elaboração, apresentação e publicação de trabalhos científicos relacionados ao PIBID.

PS1: Depois que a oficina foi aplicada, eles tinham lá uns questionários prévios que eles fizeram com os alunos e tinha uns questionários avaliativos e a partir dos dados que eles colheram lá, eles puderam começar a escrever esses trabalhos e na escrita [...] foi da mesma forma que da elaboração da oficina, eles faziam lá aí mandava pra gente, mandava pra (professor cita o nome de um colaborador) mandava pra mim, aí a gente combinava dessa vez (professor cita seu próprio nome) você corrija e depois da sua correção você manda pra ele e os recorre e reenvia para (professor cita o nome de um colaborador) e a gente fez dessa forma, eles faziam e mandavam, eu corrigia uma vez, eles mudavam aquilo ou aquelas sugestões, outro corrigia de novo e assim a gente foi trabalhando dessa forma na escrita dos trabalhos que foram apresentados e aí deu para perceber muito em relação a melhora da escrita científica deles, do primeiro resumo até esse último que já foi um artigo científico que eles escreveram, então eles deram uma melhorada, porque ele começaram a pegar o jeito da escrita científica [...] reduzir muito a forma de escrever igual a de falar, porque é diferente você está falando aqui é diferente do que você vai escrever lá no seu artigo científico que eles tinham muito disso de como está falando escreve e é diferente e a gente percebeu a modificação.

E Fale um pouco sobre a sua participação nas reuniões coletivas.

PS1: As reuniões eram todas nas quartas-feiras a tarde, eu participei praticamente, de todas, só faltei uma ou outra por questão de reunião na escola ou questão desse tipo, essas reuniões inicialmente, como falei são discussões de textos, de artigos científicos então (professor cita o nome do coordenador de área) mandava antes para que todos lessem e na reunião ocorria a discussão sobre aquilo ali, muitas vezes a discussão era o que tinha no artigo e aí os meninos falavam e depois a gente falava como era a prática. Teve até um texto que foi até bem [...] marcante que eles falavam em relação ao olhar com o número de mol ou o número de avogrado $6,02 \times 10^{23}$ e aí a gente vai trabalhar dessa forma, quando eles terminaram de falar tudo aí a gente começou: “É! Você pode até tentar, mas os meninos lá não sabem dividir, um dividido por dois não sabem e colocam que é dois, como é que você vai ensinar isso aí $6,02 \times 10^{23}$?”. Então, é meio que em algumas discussões, os textos traziam esse ideal e nós os três supervisores vinham com o real que as vezes eles ficavam meio que assustados. “Como isso?” e aí depois eles perceberam, não realmente, [...] tem esse tipo de complicação na Educação Básica, posterior a esses textos, essa discussão de textos com a elaboração das oficinas, algumas vezes a gente ia lá para a Universidade para discutir com aquele grupo de alunos, sobre a oficina e a avaliação dessas oficinas, depois o planejamento, no caso, na parte que eles [...] elaboraram e mostraram a oficina para todo mundo, depois a avaliação da oficina e acho que só, as reuniões depois a gente começou a trabalhar somente nos artigos e aí foi separado, mais o interessante das reuniões mesmo, a parte inicial dessas discussões que é a parte de formação e depois a aplicação, eles aplicaram no ENESQUIM e fizeram seus relatos na reunião, foi bem interessante essa parte também.

E: Fale um pouco como se deu a escrita do diário individual.

PS1: O diário individual no início a gente não estava fazendo, nós supervisores a gente não tava produzindo, aí (professor cita o nome do coordenador de área) é bom que vocês façam a escrita desse diário até para que sirva para uma reflexão do que tá acontecendo aí nas reuniões, quando acabava a reunião eu não fazia o diário porque eu já dava aula a noite, então, eu saia lá da Universidade cinco horas, cinco e meia e seis e meia já tinha que tá na escola para dá aula, eu já deixava para fazer isso no outro dia. No outro dia, eu fazia uma reflexão sobre o que foi a reunião do dia anterior e escrevia aí no diário.

E: O que você poderia apresentar de destaque em relação ao efeito do PIBID na sua formação?

PS1: Como já falei, a inserção de mais jogos, então, uma formação complementar de mais jogos, a reflexão de atividades, já que com esse trabalho de você aplica, avalia e reflete no que foi aprendido ou não, a gente começa a perceber isso também na nossa prática diária e o envolvimento com os bolsistas [...] ele é muito interessante, porque a gente começa a se rever enquanto licenciando, quando eu era licenciando a gente tinha muitas ideias daquele bolsista e a gente começa a perceber que essas ideias as vezes se apagam durante a jornada, o sistema faz com que a gente modificar um pouco as ideias, a gente sai muito do real, do ideal que a gente quer para o que é oferecido.

E: Realize uma avaliação crítica sobre a sua participação no PIBID e sobre a forma que as atividades foram desenvolvidas?

PS1: Eu considero a minha participação no PIBID muito produtiva, tanto pra mim, quanto pros estudantes que tive envolvido, quanto os colaboradores. Sobre o programa em si os dezoito meses, foram os dezoito meses vividos bem intensamente, por todos os participantes do projeto, uma sugestão ou sei lá, eu não gosto de falar crítica porque crítica você não está sugerindo nada, você só tá criticando, eu acho esse negócio de crítica construtiva ela não exista, uma sugestão ou é crítica mesmo, então, é o início da escrita científica seja antes do que posterior lá, ao fim do projeto, a escrita científica deles começou muito tardia eu acho! Acho que essa produção, ela deve ser iniciada anteriormente, sei lá no meio com nove meses de PIBID, nem que seja escrever artigo de revisão, “Ah! Vocês leram aqui dez textos sobre [...] O Ensino de Ciências” eles faziam fichamento desses textos, mas ao invés de continuar com o fichamento e depois, vocês vão ter que fazer um artigo de revisão para amadurecer mais essa escrita científica do meio pro final, não deixar pro final, porque eles demoraram muito tempo para escrever esse artigo, porque foi o primeiro artigo a escrever e tal, eu acho que o PIBID ele poderia ter esse passo aí, são muitas atividades que eles iriam realizar, mais que seria um crescimento intelectual muito bom pra eles.

E: Quais os principais aspectos positivos e negativos em relação as ações desenvolvidas no PIBID?

PS1: Os aspectos positivos é que você trás nova visão até para o aluno ou o aluno que tá lá na Educação Básica, com essas atividades diversificadas. Talvez, um aspecto negativo é o tempo, porque o tempo na escola ele não é tão grande, se o projeto ele visa oito meses e se tivesse vinte e quatro meses, dois anos né? Um ano de planejamento e o outro ano, completo de aplicação, seria bem interessante e positivo eu acho que todo mundo que participou do PIBID ele trouxe uma bagagem fundamental teórica e prática muito boa.

E: Após participar do PIBID você sente ou já sentiu dificuldade em mudar a sua prática docente?

PS1: Eu modifiquei até no ano passado, comecei a colocar mais jogos didáticos para praticar junto com os estudantes.

E: Justifique a sua resposta, o porque da necessidade de você implementar mais jogos didáticos?

PS1: Porque eu percebi, que eles [...] eu não assistia as oficinas, como eu lhe falei, os meninos não deixaram, só que aí na aula seguinte que eu ia ministrar, os meninos falavam: “professor também traga jogo, vamos fazer uns joguinhos daquele é interessante!”. Então, pelos comentários dos estudantes, eles acharam interessante aquela metodologia, aí eu comecei a implementar na sala, mais por um pedido deles, já que eu não assistia as oficinas. Eu assistir elas, na Universidade, mais, não com os alunos para entender a perspectiva deles e aí eles comentavam na aula seguinte que tinham gostado e tal e que tinham gostado principalmente dos jogos, então, esse pedido dos estudantes [...] química já é uma disciplina que eles não gostam muito de estudar e aí quando vem um apelo desse, a gente tem que aproveitar essa empolgação.

E: Qual o seu olhar sobre as atividades que foram desenvolvidas em sua escola?

PS1: Foram muito interessantes, eles perceberam uma realidade totalmente diferente principalmente, das outras duas escolas já que muitos alunos bolsistas apresentaram as oficinas lá, tiveram bolsistas que apresentaram na Universidade no ENESQUIM apresentaram no (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) ou no (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) e foram apresentar lá e aí eles perceberam [...] contraditórios muito grande, como por exemplo, da Universidade lá para o (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) e até do (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) e do (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) pro (professor cita nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID) que é uma diferença muito grande, principalmente na estrutura física e [...] as atividades desenvolvidas por eles, os alunos gostaram muito e até perguntaram: “e aí professor quando é que eles vem de novo e tal, não sei o que!”, então, nós fizemos dois eventos lá, justamente para que atendesse todo esse público aí, que eles gostam, os estudantes quando você trás alguma coisa, alguma novidade eles vão sempre gostar e vão apreciar.

E: Se tivesse que sugerir algo a ser modificado nas ações do PIBID o que seria?

PS₁: Como eu falei, a escrita científica iniciar antes e com a coisa de projeto não tem como mudar, o tempo de permanência na escola, mas eu acho que implementar essa questão da escrita científica antes, pode ser uma sugestão que pode ser atendida.

E: Existe algo que deseje acrescentar e que considere relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa?

PS₁: Não, eu acho que eu já falei tudo aí, que dá para você aproveitar muita coisa.

E: Então, professor! Gostaria de agradecer novamente a sua participação na minha pesquisa. Muito obrigada! Tchau!

PS₁: Beleza, tchau. Se precisar de mais alguma informação pode entrar em contato.

Transcrição da entrevista com professor PS₂

Obs: E: Thaylla

PS₂: Professor entrevistado 2

E: Olá, boa tarde! Meu nome é Thaylla, tudo bem?

PS₂: Boa tarde, prazer (professor cita o nome), tudo bem!

E: Então, meu projeto de pesquisa tem como título Supervisores do PIBID: O que o programa tem a oferecer a sua formação? Tendo como objetivo geral: Investigar o papel do PIBID na formação continuada de supervisores do subprojeto de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, referente as atividades do edital nº 7/2018 da CAPES. Este roteiro de entrevista foi elaborado com base nos trabalhos de LIMA (2018) e SOUZA; LIMA (2017), o seu desenvolvimento vem ocorrendo nas disciplinas de Pesquisa em Ensino de Química I e Pesquisa em Ensino de Química II da Universidade Federal de Sergipe (UFS/Itabaiana), tendo como produto o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Thaylla Moniza de Sá Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima. Peço que fique à vontade para responder às questões abaixo. Sei que isto requer a sua paciência e tolerância; porém, não dispomos de dados atualizados sobre o papel do PIBID na formação continuada de professores de Química. Os dados serão tratados de modo a garantir o anonimato dos respondentes. Para tal, serão adotados procedimentos éticos: na apresentação dos dados, as suas respostas serão embaralhadas às do grupo e códigos serão usados para identificação dos sujeitos. A primeira parte da entrevista é relacionada à identificação do seu perfil. Em seguida, são apresentadas as questões mais específicas do trabalho. Sua participação é muito

importante. Desde já agradeço pela colaboração, colocando-me à disposição para outros esclarecimentos.

E: Qual o seu sexo?

PS₂: Masculino.

E: Qual a sua idade?

PS₂: 39 anos.

E: Sua formação acadêmica?

PS₂: Química Licenciatura e Mestrado em Físico-Química.

E: Quanto tempo você atua como docente?

PS₂: São 16 anos.

E: Fale um pouco sobre a sua trajetória na formação inicial.

PS₂: Eu comecei a fazer o curso de Engenharia Química tá, fui aprovado no vestibular para Engenharia Química e no terceiro período, eu decidi mudar para Química Licenciatura, sempre me identifiquei com o contato com o público, mas não pensava em ser professor e depois de alguns seminários e de algumas coisas relacionadas a Universidade, apareceu a oportunidade de mudança de curso internamente que eu fiz, sair de Engenharia Química e fui para licenciatura. Na licenciatura comecei a desenvolver, a trabalhar em projetos de PIBIC, trabalhei em vários projetos de PIBIC lá no *Campus* de São Cristóvão numa área que não era da área da educação, trabalhava com Físico-Química que era a química teórica, então eu tive a experiência de dois editais, que ajudou bastante na formação, no conhecimento sobre aquela área específica, mas no entanto em relação a parte de educação ficou um pouco a mercê ou, apenas voltada para a parte de didática, voltada para a parte da instrumentação, [...], e também relacionada ao projeto, então, eu particularmente não tive disciplina, ou várias disciplinas relacionadas a área de educação, duas ou três disciplinas que estavam um pouco voltadas, mais diretamente com a educação não. Eu acho que na época o curso de Química Licenciatura ele era um curso mais próximo do Bacharelado do que realmente de uma licenciatura, e com a mudança do currículo da Universidade, eu acho que eles aproximaram bastante para essa área pedagógica, foi um avanço interessante, mas eu particularmente, tive muito pouco da área da educação. Tive mais da área de cálculo, da física, da química pura e pedagógico ficou um pouco a mercê. Então, é isso!

E: Durante a sua formação inicial, você participou de projetos que envolviam o curso de licenciatura em escolas de Educação Básica?

PS₂: Não, não. A gente, foi praticamente terminando o curso com o estágio na Educação Básica, só! Uma disciplina de estágio diretamente com a Educação Básica, a outra era preparação de projetos, mais com relação de aplicação de alguma oficina, não teve nada relacionado a esse tipo na minha formação.

E: Durante o estágio, como foi essa sua experiência?

PS₂: Então, no estágio, a gente era [...], a professora (professor cita, a professora de estágio) era a nossa professora e nossa orientadora, então ela ajudava bastante, ela desenvolvia, vários métodos, várias práticas e a gente muito verdinhos, muito novo no caso pegava algumas experiências dela né? [...] Ela sempre mostrava para a gente como desenvolver nas aulas lá do estágio, a gente levava os materiais lá pra ela, ela corrigia, ajudava. Então, assim, [...] a gente praticamente trabalhou em cima de um projeto simples que falava sobre Vitaminas, e aí nesse projeto a gente incluía uma espécie de oficina que a gente trabalhava com a descoberta da Vitamina C em sucos naturais, sucos industrializados, então a gente naquele momento, trabalhou de certa forma com oficina que foi programada rápida, não é como a gente faz no PIBID que tem todo um processo de desenvolvimento e de junção, mas que teve um efeito positivo sim. Então, a gente trabalhar em cima dessas oficinas, desses experimentos, mais sempre e muito parecido com esse trabalho que a gente desenvolve aqui no PIBID, de trazer o máximo de interação com os alunos e através de experimentos e avaliações, retirada de concepções dos alunos e foi assim.

E: Como licenciando, você participou de algum projeto ou curso de extensão que envolvesse a educação básica?

PS₂: Não. Eu trabalhei como falei, com a Química teórica, com a Química computacional, não era vinculada a educação.

E: Durante o curso de graduação foi possível elaborar ou aplicar materiais didáticos na Educação Básica?

PS₂: Basicamente, só o estágio. Essa aplicação de experimento e nada mais. A gente não trabalhou com jogos, a gente não trabalhou com documentários, com vídeos né? Mesmo porque na época a facilidade a dificuldade de acesso a internet existia, hoje em dia a gente tem essa maior facilidade uma ferramenta muito boa, mais antes não. Era tudo no “mãozão” mesmo.

E: Durante a sua formação inicial você escreveu, apresentou e publicou trabalhos científicos na área de pesquisa em Educação Química?

PS₂: Não. A gente só fez o trabalho final né? Mais não houve publicação nenhuma.

E: Você já participou, ou participa de algum programa de formação continuada?

PS₂: Não. Mas, eu trato o PIBID como uma formação continuada, porque a gente está em contato direto com as novas, [...] com essas mudanças pedagógicas toda, então eu trato ele como sendo uma extensão, um aumento da carreira, mas pra dizer propriamente dito, não.

E: E como é a relação entre você e os profissionais responsáveis pelo curso? No caso o PIBID, que você o considera como uma formação continuada.

PS₂: A relação é muito boa, tanto com os supervisores, a gente conversa entre si, a gente conversava muito entre si, mostrava relatório de um pro outro, trabalhava melhorando as ideias, trocando informações, porque a gente trabalha em escolas diferentes e são realidades diferentes, mas em alguns momentos elas são muito comuns e em alguns detalhes elas são muito comuns, a gente tinha uma relação muito boa e muito bem coordenada por (professor citou o nome do coordenador de área do PIBID). O (professor citou o nome do coordenador de área do PIBID), sempre deu um suporte para a gente muito bom, tá, sempre muito preocupado com as atividades que a gente sempre desenvolve, sempre preocupado com a correção dos textos, com os ajustes, sempre teve uma relação muito boa.

E: Sua participação como supervisor do PIBID, pode ser considerada como uma formação continuada?

PS₂: Eu acho que sim!

E: Explique sua resposta.

PS₂: Porque muitas coisas que eu vi no PIBID, que eu não tinha visto antes, já podem ser aplicadas, então você acaba criando um novo caminho, porque a partir do momento, você já consegue ver novas práticas pedagógicas e de repente você pode modificar alguma coisa e tentar inserir no seu trabalho, então de uma certa forma, é uma formação continuada sim, porque a gente fica principalmente, eu e você vai ver de outros supervisores, a nossa formação era muito restrita e agora com essa amplitude de práticas e ferramentas a gente não pode ficar parado, o processo ele é contínuo, então houve um certo tempo de parada e depois começou-se a crescer, a melhorar um pouco mais essa formação e certamente o PIBID é, ele não é salvacionista como a gente fala né? Mas ele contribui muito para a formação continuada faz a gente ler, faz a gente escrever, faz a gente ligar as opiniões pegar as informações dos nossos alunos que estão com os pibidianos, então essa troca de informações ela é certamente uma formação continuada.

E: O que você poderia falar sobre o subprojeto do PIBID-Química da UFS que você participou referente ao edital n° 7/2018?

PS2: Esse foi o meu primeiro encontro com o PIBID né? O primeiro edital, era tudo muito novo, na verdade! Acho que os outros meninos, já tinham participado do PIBID, mas pra mim era muito novo. O primeiro momento eu achei que seria, um pouco difícil, mais dada a quantidade de informações que você recebe, mas na verdade essas informações elas são diluídas durante todos os 18 meses. Então, no primeiro momento a quantidade de informações que é jogada ela impressiona um pouquinho, mais como a gente vai fazendo o passo a passo isso vai ficando bem tranquilo. Todos os alunos que estavam lá no PIBID, os pibidianos tinham uma relação muito boa com a gente, então, isso facilita bastante tudo muito novo, eles também sem muita informação alguns vindo diretamente acho que do primeiro período, eles ainda vinculados ao Ensino Médio a Educação Básica, trazendo uma visão que eles tinham da Educação Básica que era basicamente um jogo aluno contra professor, eu brinco muito com eles: “Olha, vocês estão tendo uma visão que nós somos seus inimigos, não é? Mais não é!”. Então, eles ainda tinham essa visão que ao passar do tempo eles começaram a desmistificar, eles perceberam que é muito mais difícil a relação de aprendizagem professor-aluno do que o que eles pensam, eles estavam do lado da Educação Básica e agora eles começaram a se enxergar um pouco como professores ou potenciais professores dessa Educação Básica. Então, eles começaram a tirar um pouco mais dessa culpa do professor e passaram a enxergar todo esse ambiente que está por trás aí de trabalhar com a Educação Básica. Nesse primeiro edital, a gente teve, vários momentos extremamente bons e momentos que a gente trabalhou com a pesquisa, onde a gente analisou tópicos da Química, onde a gente analisou as aulas que os meninos deram pra gente, porque eles passaram, por essa etapa de preparar uma aula e apresentar e sentirem como é basicamente a Educação Básica, uma outra coisa importante, foi a discussão de temas que inclusive nesse edital a gente já tem, temas que são relacionados a área social em que os alunos estão inseridos, temas relacionados a avaliação, a colocação de experimentos, não é só o experimento pelo experimento tem todo um bastidor que, precisa ser planejado, a questão da análise de vídeo. Uma coisa que era extremamente importante, a parte escrita, você deve está fazendo aí o TCC e a escrita é meio pesada, então, a análise da parte escrita, a questão da validação de dados de pesquisa, as técnicas, então tudo isso a gente viu dentro do edital passado e foi extremamente proveitoso, porque, principalmente pra mim, que não tinha visto nada disso, a gente não teve todas essas discussões, eu particularmente eu tive algumas delas, mais que já tinha

passado muito tempo de uma certa forma reavivou e melhorou a condição. Então, o edital passado a gente teve, por exemplo, correção de atividade dos alunos, nós supervisores tivemos que ler os trabalhos dos alunos a gente sugeriu, então, a gente trabalhou com a parte escrita na formação dos relatórios, então isso de uma certa forma, contribui ou contribuiu enormemente para o nosso desenvolvimento. O edital passado foi cheio de novidades, e se a gente acha que essas novidades elas cessam elas não cessam, elas continuam. Mas, nesse edital agora, a gente está vendo coisa nova mais uma base em relação ao edital passado foi construído, preparação de aula, avaliação de aula, preparação de experimentos, avaliação de experimentos, avaliação da escrita, tudo isso foi trabalhado de uma forma muito boa, lá no edital passado.

E: Como você avalia a sua relação com os bolsistas?

PS₂: Extremamente boa e sadia. Os meninos, eles têm características diferentes, alguns conseguem desenvolver um pouco mais rápidos que outros, aí depende também da educação da base que tiveram outros são poucos mais, demoram um pouco mais para se desenvolver mais eles acabam se desenvolvendo cada um no seu tempo e uma coisa que é importante e que eu acho que esse é um dos objetivos do PIBID é que a gente consegue influenciá-los positivamente, de dizer assim, de ter uma conversa aberto, assim: “Olha, melhore nisso aqui, controla isso aqui, verifica a parte química disso”, ou seja, a gente consegue ajudar a consertar os conceitos, a consertar a postura, a pesquisar mais sobre aquilo que ele está falando, a gente consegue dá uns toques que a experiência que a gente tem na Educação Básica e eles não, a gente consegue implementar aos poucos, então por exemplo, a gente teve situações de alunos que não conseguiam se apresentar para a turma, que por n problema, aquele famoso branco, ficava frio, sentia muito em relação e que com o passar do tempo, esses alunos foram se desenvolvendo e você percebe nitidamente esse desenvolvimento. Então, é extremamente gratificante e cria-se uma relação muito boa e de respeito entre os pibidianos e os supervisores. Ah! Extremamente sadio.

E: Como você avalia a sua relação com o coordenador de área do subprojeto?

PS₂: O (professor citou o nome do coordenador de área do PIBID), é um cara muito bom né? Primeiramente que ele é extremamente empenhado em tudo que faz, trabalha sempre pensando nos melhores resultados, que é uma das coisas que me fez, inclusive voltar a se inscrever no edital, melhorar e sempre procurar fazer o meu melhor, então, a relação com o coordenador de área é extremamente boa desde a arrumação dos nossos horários das reuniões até a elaboração e correção dos relatórios, tudo muito bem, tudo muito tranquilo, a relação é extremamente boa. Como eu digo, (professor citou o nome do coordenador de

área do PIBID) é extremamente competente e cobra também da gente essa competência para que a gente passe para os meninos também essa competência que no final a gente consiga tirar o máximo possível do nosso trabalho.

E: E como você avalia a sua relação com os colaboradores do Ensino Superior?

PS₂: O pessoal que nos ajudou, eles trabalhavam, até tinham um contato [...] até tive um contato menos com eles, dadas as dificuldades de horários que é extremamente normal, mais a relação com o pessoal da universidade é muito boa, principalmente porque os meninos do PIBID, o pessoal do PIBID, quando eles trazem as ideias, eles trazem essas ideias pra nós e para o pessoal da universidade que são os colaboradores. E aí, é como se cada um desse um parecer sobre aquele material, e melhorasse exatamente esse material, então, é extremamente saudável a relação, porque a gente acaba tendo uma visão, que enquanto Educação Básica, a gente as vezes não consegue, ou as vezes por está um pouco mais distante da universidade a gente não consegue, essa aproximação é muito boa, as informações que eles colocam, as vezes os meninos trazem para a gente olha professor, o professor da universidade o colaborador, ele disse assim, assim, assim [...] o que é que o senhor acha? E aí a gente começa a ter uma discussão saudável em relação disso. É extremamente bem vinda a relação com os colaboradores, é muito boa!

E: Fale um pouco, sobre o seu envolvimento nas atividades de elaboração, avaliação e aplicação de materiais didáticos.

PS₂: Geralmente, os meninos aí, eles preparam em cima de temas, não é assim? Eles preparam em cima de temas e esses temas eles são, como eu falei, colocados para nós supervisores e para os colaboradores e a gente discute, a melhor estratégia. Mais geralmente, a gente trabalha com a linha que é bem acertada, em que você mostra por exemplo, atividades que podem ser: lúdicas, você pode trabalhar com atividades experimentais, você pode trabalhar com atividades visuais com vídeos e essas coisas todas e a parte avaliativa, então o que é que a gente faz? Durante a elaboração, cada uma dessas propostas, experimentação, vídeo tem que ser feita e de uma certa forma, testada para nós, então, durante a elaboração, os meninos vão atrás, faz todo o trabalho, busca na literatura, pesquisa e faz um refino, nesse refino a gente vai selecionando o que pode ser feito, o que pode ser melhorado e aí eles vão testar em cima disso, então, a gente tem a pesquisa, tem o refino, tem os testes e a avaliação em relação a esses testes. Nós supervisores, eu falo por mim, a gente fica muito, nessa parte de avaliação, os meninos eles vão trazendo os materiais, colocando para a gente a proposta e a gente vai avaliando,

olha isso aqui é bom, isso aqui pode dá certo, então a gente fica acho que participa um pouco mais nessa fase de avaliação.

E: Fale um pouco sobre a elaboração, apresentação e publicação de trabalhos científicos.

PS₂: Depois de feitos os relatórios, a gente pode em cima desses relatórios, filtrar informações. Ah! Eu conseguir aplicar uma oficina com experimentação, então a gente tem os questionários prévios, a gente tem a execução e a gente tem o questionário final pós experimentação e aí existe a comparação entre o início a execução e o final, para ver se de fato houve aprendizagem e a filtragem desses dados, é o que gera basicamente, o trabalho. Trabalhar em cima de determinada experimentação, elaborar todo um contexto e conseguir montar um trabalho, esse trabalho passa por todo um crivo que, vai do supervisor até o colaborador [...] supervisor, coordenador de área e colaborador. Para que eles sejam apresentados, então ele vai melhorando em função. Então, os meninos, pegam o que foi executado, consegue escrever em cima do que foi executado e trás para a gente, a gente analisa, verifica o que pode ser melhorado e a partir daí ele pode virar uma apresentação, ele pode ser enviado, por exemplo para determinada revista como um trabalho escrito, ele pode ir para um congresso, ele pode ir para esses encontros que a gente tem na Universidade. Eu acho que a sequência é basicamente essa, né? A filtração daquilo que você fez e em cima daquilo que foi feito, a gente conseguir escrever e verificar se é possível ou se aquilo realmente é para o trabalho em cima disso.

E: Fale um pouco sobre a sua participação nas reuniões coletivas.

PS₂: As reuniões coletivas no ano passado, foram muito melhores porque a gente fazia presencial e presencial a história é outra né? Presencial você tem a emoção ali, você tem o contato, então é muito mais real e a gente tinha reuniões presenciais todas as semanas, [...] praticamente todas as semanas, só faltei quando tinha algum problema ou outro e assim, a gente discutia vários temas, como já falei para você, a gente conversava com professores que vinham para cá, até mesmo de outros departamentos, se eu não estiver enganado, a gente fez algumas discussões com outros professores. A gente tinha alunos visitantes que estavam aí e também colaboraram, alunos de outras áreas, a gente teve visita de outras pessoas de outras Universidades que também colaboraram, então a gente sempre trabalhava em cima do tema e discutia esse tema e a cada discussão que a gente fazia havia um diário uma escrita no diário, que é para que no final você consiga desenvolver o relatório, baseado em tudo que você fez durante o PIBID, então, criou-se um ambiente muito rico, porque você tinha uma diversidade de conceitos e de temas que eram trabalhados com a visão do coordenador de área, com a visão daquela pessoa que

vinha de fora, com a visão dos supervisores e com a visão dos pibidianos. Então, englobava uma grande quantidade de opiniões e a discussão rendia muito.

E: Fale um pouco sobre a escrita do diário individual.

PS₂: Geralmente, você tem o tema daquele dia, esse tema ele é seguido de algum capítulo de livro, de algum artigo que você ler previamente e a gente vai para a reunião, discute exatamente esse artigo, traz isso para a nossa realidade, ou seja, traz para o contato com os supervisores e o contato com os alunos e depois que toda essa discussão é feita, a escrita no diário ela é desenvolvida, ou seja, o aluno e a gente também os supervisores descreve o que aconteceu né? Basicamente, o que aquilo pode ter modificado, ajudando a desenvolver, na verdade o que ele trouxe de acréscimo para a gente, essa seria a ideia, não é simplesmente a discussão pela discussão, mais é a discussão e o que ela acrescentou essa outra visão que a gente insere.

E: O que você poderia apresentar em destaque em relação ao efeito do PIBID na sua formação?

PS₂: Principalmente em relação a questão de preparação de aula, com relação a avaliação para não ser apenas uma avaliação como a gente faz antigamente, uma avaliação seca, escrita que as vezes não diz muita coisa, a gente precisa modificar e uma das modificações é essa questão avaliativa, a questão da apresentação das aulas, a quebra da sequência de conteúdo, então aquele conteúdo tradicional, que a gente seguia ou que a gente segue ainda ele pode ser quebrado, ele pode ser desvinculado, claro, dadas algumas que a gente sabe que, para você ter um você tem que ter o outro né? Você tem que ter um precursor. Houve uma modificação do aspecto de preparação da aula e no aspecto de desenvolvimento dela, não é fácil fazer isso, mais a gente vai, é como se você fosse colocando um pouquinho de cada vez, eu não posso chegar lá e dizer assim: “Olhe, hoje eu vou mudar completamente!” Não é assim, mas, aos poucos eu percebo que já tem essa mudança, então o PIBID fez exatamente isso, ele mostrou que não é simplesmente encher o quadro, explicar e ir embora. Não! A gente tem que ter: concepções dos alunos, experiências dos alunos, a gente precisa entender um pouco as vezes o contexto social em que o aluno está inserido, coisas que as vezes a gente acha que não é da nossa alçada, mas que infelizmente, se é professor tá no contexto, você tem que participar disso. Então, você começa a ter uma visão um pouco diferente, sai da visão extremamente conteudista e começa a priorizar alguns aspectos, mais sem deixar de lado a parte química científica, não pode desvincular, eu acho que isso foi uma grande melhora.

E: Realize uma avaliação crítica sobre a sua participação no PIBID e sobre a forma que as atividades foram desenvolvidas.

PS2: Com relação ao PIBID, eu acho que a participação, ou pelo menos a minha participação, ela foi de uma certa forma, foi uma participação boa, porque? O que houve, o objetivo principal, eu percebi isso, o objetivo principal ele foi atingido que é basicamente, colocar ou oportunizar os alunos da Educação Superior, entrar em contato com a Educação Básica, com a realidade e de uma certa forma, conseguir perceber isso, então, de uma forma bem simples eu percebi que os alunos tiveram essa aproximação, que mudaram a relação que existia professor-aluno da Educação Básica, antes os professores eram inimigos, agora eles já estão no papel de professores e aí houve essa modificação, então eu percebi isso. Com relação a participação nas reuniões foram boas, com relação a escrita também participei, acho que contribui um pouco com a escrita também dos alunos, corrigindo também as coisas, eu acho que isso não é nada de agravante você poder ajudar numa frase, escrever alguma coisa, eu acho que isso ajuda e engrandece o trabalho do menino e mostra pra ele que você está presente. Então, é, uma contribuição muito grande e assim, eu acho que eu contribuir também pra, que a escola recebesse o PIBID e saísse um pouco do tradicionalismo, pra você ter uma ideia a gente conseguiu parar um Ensino Médio da escola toda, durante acho que duas apresentações, duas tardes, conversamos com os professores, então, colocando as turmas para trabalhar diretamente com a Química, então, isso foi uma coisa muito boa e mostrou na verdade que quem faz o PIBID tem uma vantagem a mais em relação ao outro aluno que tá lá na graduação e que não tem as vezes a mesma oportunidade, eu até brinco com eles, que eles são muito privilegiados de participarem do PIBID, eu acho que é importante, como falei, não é a salvação, mas contribui muito! Eu acho que a minha participação, foi boa em relação ao PIBID.

E: Quais os principais aspectos positivos e negativos em relação as ações desenvolvidas do PIBID?

PS2: Os aspectos positivos são vários, na verdade eu já falei muito deles aqui no meio da nossa conversa, então dá oportunidade aos meninos aprenderem apresentarem, a aproximação com a escola, a criação de ferramentas pedagógicas que facilitem a aprendizagem do aluno, a interação do graduando com quem está na Educação Básica essa troca de informações, essa troca de informações também, dos pibidianos com nós supervisores, a troca de experiências, então, esses são um dos pontos positivos que eu acho que são os mais positivos. Os pontos que são negativos, que a gente tenta corrigir

são pontos que as vezes não dependem apenas da gente, as vezes a Universidade ela não libera o aluno naquele momento, as vezes o aluno tem problema para reunir, as vezes tem a questão do horário, as vezes tem o período das provas e aí o professor que está lá ele cria dificuldade para liberar o aluno, as vezes o aluno por algum motivo, as vezes acontece também, que o pessoal se ausenta de algumas reuniões e aí ele fica por fora da continuidade do processo, então, os pontos negativos eles são mais assim, eles são menos importantes no final da história eu acho assim, a quantidade de pontos positivos eles superam muito os pontos negativos, tá? Eu acho que é isso!

E: Após participar do PIBID você sente ou já sentiu necessidade em mudar sua prática docente?

PS₂: Na verdade, é o que eu falei para você há um momento atrás, [...] aos poucos eu vou acrescentando, mudando algumas coisas, tirando o que eu percebo que não dá e tentando inserir, mais assim, não dá para mudar completamente, mesmo porque a realidade é um pouco diferente, mais a gente consegue inserir algumas coisas sim, dá para mudar sim um pouco a prática pedagógica.

E: Qual o seu olhar sobre as atividades que foram desenvolvidas em sua escola?

PS₂: As atividades que foram desenvolvidas, foram atividades muito boas, principalmente porque ela trabalhava com conteúdos químicos que as vezes confundiam ou deixavam muitos alunos assim, sem entendimento. Quando você consegue aplicar um material e consegue ter uma resposta melhor do aluno, então isso aí, é um ponto positivo, o que foi colocado, até os meninos da escola diziam assim: “Professor, quando é que os pibidianos vêm de novo?”. Então, a saída do tradicionalismo, a mudança de prática pedagógica ela foi extremamente sadia, trabalhar com os meninos em duplas, trabalhar com os alunos em sala de aula em equipe que não é nada fácil, não é? Pra eles, acham que é uma bagunça, né? Mais, tentar organizar essa bagunça, é complicado, mais no final das contas foi bem proveitoso essa nova interação.

E: Se tivesse que sugerir algo, a ser modificado nas ações do PIBID o que seria?

PS₂: Eu acho o programa muito bom, eu acho que uma coisa que favoreceria o PIBID, é [...] eu acho que seria poder usar o PIBID, sei lá, isso foi até uma das coisas que eu coloquei no meu relatório, poder colocar o PIBID como se fosse uma disciplina eletiva, para que os alunos que tivessem participando dela tivessem essa, já que eles estão trabalhando em cima dessa prática pedagógica que eles estão trabalhando na Universidade, eles deveriam ter isso aí no currículo, deveriam ser colocado como prática e ser transformado em horas e créditos. Uma outra coisa que deveria colocar no PIBID, é

[...], não sei, agora assim, me fugiu, mais até eu tinha umas coisinhas colocadas aqui, porque, o que deveria ter colocado no PIBID né? Poderia melhorar? Não sei, me fugiu agora da ideia.

E: Existe algo que deseja acrescentar e que considere relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa?

PS₂: Não, eu acho que você está bem assessorada e sua pesquisa vai bem e você vai bem, acho que não precisa acrescentar mais nada não!

E: Então professor, quero agradecer a sua participação! Muito obrigada, tchau!

PS₂: Por nada, espero ter ajudado. Bom trabalho! Tchau!

Transcrição da entrevista com professor PS₃

Obs: *E: Thaylla*

PS₃: Professor supervisor 3

E: Boa tarde, meu nome é Thaylla.

PS₃: Boa tarde!

E: O meu projeto de pesquisa tem como título Supervisores do PIBID: O que o programa tem a oferecer a sua formação? Tendo como objetivo geral: Investigar o papel do PIBID na formação continuada de supervisores do subprojeto de Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Carvalho, referente as atividades do edital nº 7/2018 da CAPES. Este roteiro de entrevista foi elaborado com base nos trabalhos de LIMA (2018) e SOUZA; LIMA (2017), o seu desenvolvimento vem ocorrendo nas disciplinas de Pesquisa em Ensino de Química I e Pesquisa em Ensino de Química II da Universidade Federal de Sergipe (UFS/Itabaiana), tendo como produto o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Thaylla Moniza de Sá Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima. Peço que fique à vontade para responder às questões abaixo. Sei que isto requer a sua paciência e tolerância; porém, não dispomos de dados atualizados sobre o papel do PIBID na formação continuada de professores de Química. Os dados serão tratados de modo a garantir o anonimato dos respondentes. Para tal, serão adotados procedimentos éticos: na apresentação dos dados, as suas respostas serão embaralhadas às do grupo e códigos serão usados para identificação dos sujeitos. A primeira parte da entrevista é relacionada à identificação do seu perfil. Em seguida, são apresentadas as

questões mais específicas do trabalho. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço pela colaboração, colocando-me à disposição para outros esclarecimentos.

E: Qual o seu sexo?

PS3: Masculino.

E: Qual a sua idade?

PS3: 42 anos.

E: Qual a sua formação acadêmica?

PS3: Eu sou graduando em Licenciatura Química e tenho também especialização em áreas da Educação em Matemática e Ensino de Matemática.

E: Quanto tempo você atua como docente?

PS3: Eu trabalhei em 2001 e 2002 no regime de contrato, mas entrei como efetivo do estado em 2004, aí somando isso dá 18 anos no total.

E: Fale um pouco sobre a sua trajetória na formação inicial.

PS3: A graduação minha de química, em relação a graduação em licenciatura em química atualmente, ela tem uma grande diferenciada né? Assim, exceto a parte curricular que é bem distante da realidade curricular de hoje em dia. Porque, na minha graduação, o regime de ensino praticamente, é como se fosse de três por um, é como se fosse três anos de disciplinas vinculadas ao bacharelado e apenas um ano de disciplinas voltadas para a área de educação. Então, praticamente a licenciatura na minha época ela era bastante técnica, ela não tinha algo abrangente vinculado ao ensino. A minha experiência dentro da minha formação, se deu quando eu trabalhei em 2001 e 2002 cursava a Universidade e em paralelo eu estudava, aliás, eu era professor da rede pública, através do contrato, então, essa foi a minha maior experiência dentro da licenciatura em paralelo, porque eu tinha um contrato certo? Fora a parte dentro do curso, que eu seguia o curso e paralelamente eu trabalhava com o contrato. Tive o estágio, que foi ministrado basicamente com o regime bem resumido mesmo, porque as escolas estavam em greve e teve que convocar alunos para ficar em sala de aula, para a gente dá certo o nosso estágio, que foi coisa de um pouco mais de três semanas só. Meu estágio, foi apenas um em química, um só e tinha algumas disciplinas que eram apenas de observação, de montagem de material, mas estágio só foi apenas um que eu fiz presencial.

E: Durante a sua formação inicial você participou de projetos envolvendo seu curso de licenciatura e as escolas de Educação Básica?

PS3: Não, até mesmo porque na minha época, o programa que tinha que dava uma bolsa na Universidade, por exemplo, era o PIBIC era um projeto de iniciação científica na

verdade, não existia por exemplo o PIBID como existe hoje e basicamente como eu disse a você, eu procurei seguir minha área de formação na licenciatura, trabalhando de maneira paralela no estado, mas não adquirir nenhuma bolsa dentro da Universidade durante a minha formação. Eu não tive acesso a bolsa de iniciação científica, porque era muito limitada e infelizmente minhas notas não permitiam ter esse acesso, porque eu na parte diversificada do curso, eu iniciei com muitas dificuldades e aí as minhas médias eram baixas, então isso, não me deu credenciamento para conseguir uma bolsa no PIBIC que só existia ele na época.

E: Como licenciando você participou de algum projeto ou curso de extensão que envolvesse a Educação Básica e Superior?

PS3: Não, no máximo teve apenas alguns congressos, que foram mais localizados mesmo os que eu participei e recebi alguns certificados e nada mais que isso.

E: Fale um pouco como foi sua participação nos congressos.

PS3: Os congressos que eu participei foram congressos mais localizados mesmo, realmente que eram ofertados dentro da UFS mesmo. Eu não tinha condições de fazer uma viagem de ir pra fora, pra fazer um congresso fora como alguns poucos colegas meus fizeram, que era a questão financeira minha não permitia e também minha família não era muito aceita a esse tipo de situação de eu sair e viajar pra fora, entendeu? Por conta disso eu só participei dos congressos locais. Mais a experiência foi muito boa, porque a gente compartilhou, discutiu coisas novas, sobre a área, sobre algum conhecimento específico que foi falado, a interação com os colegas na hora de participar do evento está todo mundo junto, foi proveitoso, mas se limitou apenas a local.

E: Durante seu curso de graduação foi possível elaborar e aplicar materiais didáticos na Educação Básica?

PS3: Só no estágio. A gente construiu o material, montou nossa aula, pegou materiais para trabalhar com experimentos e trabalhou com o tema de Cálculo Estequiométrico e a partir daí a gente montou um experimento para comprovar a concentração das massas e a proporção para a interferência da formação do produto. Basicamente, a gente construiu esse material, voltado com o texto para fazer um debate inicial e depois se desenvolveu o conteúdo e com o experimento reforçando o conteúdo que foi desenvolvido e como eu disse num intervalo no máximo de três semanas.

E: Durante a sua formação inicial você escreveu, apresentou ou publicou trabalhos científicos na área de Ensino de Química?

PS3: Não! Nem TCC tinha na época.

E: Você já participou ou participa de algum programa de formação continuada?

PS₃: Bem a formação continuada que estou participando, como eu já participei também do edital passado em 2018 e estou participando agora nesse em 2020 que é o PIBID de novo com (professor cita o nome do coordenador de área) como coordenador essa é a minha formação continuada, porque como (professor cita o nome do coordenador de área) mesmo disse, o PIBID, é uma formação continuada, seja para o graduando ou para o supervisor e até mesmo para o próprio coordenador que trabalha com novas perspectivas, com novos experimentos, trabalha com materiais lógicos, discute muito a área da educação a estrutura a parte pedagógica, a montagem do material, a reformulação de conceitos químicos para você montar uma aula, para você montar uma atividade temática tudo isso tem no PIBID né? Como já tive experiência no edital passado de 2018 e nesse tenho de novo iniciando o processo agora, está tudo se engatinhando dando início, mais no edital anterior eu trabalhei com esse projeto.

E: E como se deu a relação entre você e os profissionais responsáveis pelo curso durante esse projeto?

PS₃: Foi uma relação bastante amistosa, foi ótima a relação que existiu entre nós. Os bolsistas pibidianos eu, (professor cita nome dos outros dois supervisores e do coordenador de área), a gente sempre fazia desde quando iniciou o edital, uma reunião por semana sempre a tarde no edital anterior sempre era na quarta a tarde que a gente se reunia e aí basicamente o que foi que aconteceu, no início do projeto a gente fez leitura de textos, capítulos de livros, fizemos debates sobre cada leitura de textos e capítulos de livros que se colocavam em pauta [...], falava sobre os seus pontos de vista e discutia algumas coisas que eram colocadas dentro do capítulo ou do artigo escolhido, depois começou a lançar ideias de que tipo de conteúdo ou de oficina temática quem iria trabalhar nas turmas de Educação Básica e a partir daí pediu aos alunos pibidianos a estudarem os conteúdos para fazerem uma apresentação para a gente do material que estava sendo produzido. Essa interação serviria como um ensaio para os pibidianos para que quando eles chegassem nas turmas de Ensino Básico eles tivessem condições de desenvolverem aquele conteúdo ou aquela temática com a maior naturalidade dentro da experiência que seriam encaradas por eles. E nós supervisores fizemos sempre essa articulação junto com o coordenador, o coordenador sempre orientando eles juntamente com os colaboradores, que (professor cita o nome do coordenador de área) colocou colaboradores para ajudar os bolsistas para o desenvolvimento das suas oficinas temáticas e a gente fazia esse papel de articulação juntamente com (professor cita o nome do coordenador de área), trazendo os

alunos para a Educação Básica inclusive no colégio que trabalho que foi o colégio que o PIBID atuou sob a minha supervisão e aí eles entraram e desenvolveram essas oficinas temáticas e tiveram a experiência de atuarem como professores na Educação Básica. Em que esse é o maior desafio para o pibidiano, dosar o tempo do que você quer desenvolver dentro da sala de aula, saber que vai existir coisas adversas durante o intervalo daquela oficina temática e você tem que saber sobre isso aí, tudo isso é administrado pelo tempo, já que o tempo é uma coisa muito especial para quem está iniciando, porque controlar o conteúdo que vai desenvolver é um desafio grande, como pude observar nas oficinas que foram desenvolvidas.

E: Sua participação como supervisor do PIBID ela pode ser considerada uma formação continuada?

PS3: Pode sim, a minha formação continuada basicamente que eu tive vinculada a minha área como professor profissional em educação no estado foi justamente o PIBID, eu nunca participei de nenhuma ou alguma extensão de oferta do estado, porque particularmente, não me identifiquei com o que queriam colocar pra mim, por exemplo: gestão democrática, isso nunca me interessei, nunca me interessei em trabalhar como coordenador ou na direção eu sempre gostei de trabalhar na sala de aula, então, essas projeções continuadas que é ofertada pelo estado, é mais vinculada a parte administrativa e eu nunca tive interesse. Então, basicamente, a minha formação continuada na minha área foi justamente o PIBID. Eu falei do edital 2018, mas eu já participei do PIBID nos anos anteriores em outra nomenclatura, com outra estrutura e outros professores. (professor cita o nome do professor universitário que participou do PIBID em editais anteriores) eu participei com ele nesse edital, então, essa foi a minha formação continuada que eu tive na minha área foi o PIBID realmente, desde o edital de 2014 a 2018, o primeiro então foi há quatro anos, o segundo agora foi um ano e meio no caso de dezoito meses no ano de 2018 e agora esse edital novo de 2020 que vai ser um ano e meio de novo e aí fecha meu ciclo também.

E: O que você poderia falar sobre o subprojeto Química da UFS que você participou referente ao edital n°. 7/2018

PS3: Esse edital da forma que (professor cita o nome do coordenador de área) desenvolveu foi muito proveitoso porque a gente trabalhou com a construção de um material de oficinas temáticas dentro de cada conceito de maior aflição em relação aos alunos da escola pública. Primeiro, os alunos fizeram uma pesquisa acompanhados, tipo uma observação de sala de aula dentro da escola que eles foram lá, para que os alunos falassem

das carências, das necessidades que eles tinham dentro do conteúdo de química, qual conteúdo que mais afligia, qual seria o tema mais importante para eles serem desenvolvidas para abordarem na oficina temática, isso foi um processo primeiro de investigação para a construção desse material, dessas oficinas temáticas que foram aplicadas posteriormente, mais antes dessa construção dessa oficina temática existia uma roda de discussão para debater e construir ideias sobre os materiais da área da educação, ensino de pesquisa, experimentação química, reescrita certa da química no conteúdo científico. Então, foram vários artigos que foram debatidos antes de começar a construir o material. O edital de 2018 teve uma grande diferença em relação ao edita que participei em 2014, em que o outro foi mais objetivo, já existia uma oficina produzida e era só fazer a aplicação para os alunos apresentarem num intervalo que se reservava para os alunos do PIBID, então na sua aula ir desenvolver a sua oficina temática, então foi algo curto, apesar de ter sido quatro anos de edital. O de 2018 foram 18 meses mais foi algo intenso, foi muito proveitoso e que contribuiu muito para a minha formação.

E: Como você avalia a sua relação com os bolsistas?

PS3: Bem, a minha relação com os bolsistas em geral, foi uma relação de um contato ativo com eles, mas, o contato entre o grupo se intensificou mais no (professor cita o colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID), porque (professor cita o nome do coordenador de área) dividiu o grupo do edital de 2018 em certas quantidades, um grupo foi ao ((professor cita o colégio), outro grupo foi para ((professor cita o colégio) e outro grupo foi para (professor cita o colégio), então eu tive um contato mais intenso, claro com o pessoal do grupo que ficou para trabalhar e desenvolver suas oficinas temáticas no (professor cita o nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID), mais o contato geral sempre existiu como eu disse a você toda quarta feira existia uma reunião semanal, do início do processo debatendo materiais, capítulos, artigos vinculadas a área de educação e educação em química e depois a construção dos materiais, apresentação deles para a gente e a entrada deles no colégio para a aplicação desses materiais dessas oficinas temáticas, então, sempre tinha o contato semanal, mais tinha o contato mais específico com o pessoal do grupo de cada escola. No caso eu tinha um contato mais intenso com oito alunos que estavam reservados para aplicarem oficinas temáticas (professor cita o nome do colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID).

E: Como você avalia a sua relação com o coordenador de área?

PS3: Ah! (professor cita o nome do coordenador de área) sempre deixou a gente sempre em alerta, em contato constante com ele ou quando precisava ele mesmo pedia para a

gente entrar em contato com os bolsistas, para chamar um pouco a atenção, para deixarem eles sempre na ativa para que o negócio não atrasasse, para que tudo se desenvolvesse de maneira correta. (professor cita o nome do coordenador de área) é uma pessoa bastante metódica e por ser metódico ele quer tudo certinho, isso é bom para o projeto do PIBID. Então, ele sempre deixou uma interligação entre os supervisores, ele e os bolsistas, essas relações sempre foram de contato direto, seja pelo WhatsApp que era o contato da semana, ou seja, pela reunião que existia na quarta-feira, em que essa reunião era uma reunião plausível, o que estava sendo executado, por exemplo atualmente, a reunião se limita ao contato agora de vídeo conferência, mais antes não, a gente tinha uma reunião ao vivo, toda quarta-feira.

E: Como você avalia a sua relação com os colaboradores do Ensino Superior?

PS3: A relação com os colaboradores, foi uma coisa meio distanciada, eu praticamente não tive contato com colaboradores, quem tinha contato maior com os colaboradores eram os bolsistas que estavam direcionados para cada colaborador, ou seja, tinha dois ou três bolsistas para um colaborador e (professor cita o nome do coordenador de área) como coordenador que fazia essa passagem dos bolsistas com os colaboradores. O contato maior com os colaboradores, foi os bolsistas. Os supervisores, creio eu, da minha pessoa particularmente o contato não foi intenso, até em algumas reuniões semanais (professor cita o nome do coordenador de área) convidou os colaboradores, para participarem do debate ou assistir as apresentações das oficinas temáticas produzidas, mas o contato na construção do material com o aluno bolsista, esse contato foi direto, eu particularmente não tive esse contato com os colaboradores eu tinha com os bolsistas que me mostravam o material que estavam sendo produzidos e aí qualquer coisa que eu podia ajudar eu ajudava a implementar alguma coisa dentro do conteúdo, mais já vinham com o material construído com os colaboradores, ajudando a eles a construir esse material.

E: Fale um pouco sobre o seu envolvimento nas atividades de elaboração, avaliação e aplicação de materiais didáticos.

PS3: Com relação a elaboração, vai desde o ponto que você debate um material vinculado a educação, como por exemplo relacionado a experimentação química em que no debate o aluno leva a construir a introdução sobre o conteúdo de química e isso é a primeira parte que é desenvolvida por eles depois vem a parte, justamente que é a parte em que o aluno vai trabalhar com o conteúdo químico e a gente vai observar pesquisas na literatura para que o aluno se aproprie de conhecimentos em volta daquele conteúdo químico, para que ele faça sua oficina temática baseada no conteúdo bem fundamentado, bem estruturado

para que ele desenvolva a sua oficina temática na base de uma experimentação ou também, de um jogo didático que poderia ser essas duas opções para trabalhar na oficina temática, trabalhar com a experimentação, ou também na construção de um jogo didático ou os dois, dependendo da oficina temática você pode trabalhar até com os dois [...] ambos fazem o reforço ou abertura também de um conteúdo químico que podia também, você fazer uma abertura do conteúdo químico ou fazer o reforço dele, depende muito da oficina temática que ela era montada isso era livre para escolher, mais que estivesse muito bem estruturada, não era um roteiro pronto, poderia ser um roteiro flexível desde que fosse bem estruturado com o conteúdo que você tinha o foco de desenvolver a oficina temática.

E: Fale um pouco sobre o seu envolvimento na elaboração, apresentação e publicação de trabalhos científicos.

PS₃: Meu envolvimento nessa parte, foi justamente com alguns bolsistas que me procuraram para fazer correção do material que eles estavam produzindo, artigo sobre o material que foi produzido, a minha participação foi fazer uma reavaliação, uma correção que eu achava necessário dentro do material que eles estavam [...] escrevendo para depois colocar para a publicação e eu também, no final do PIBID, eu desenvolvi um relatório sobre o que aconteceu durante todo o processo e também escrevi um artigo dentro do que aconteceu na dinâmica das oficinas experimentais, as oficinas temáticas, perdão dentro do (professor cita o colégio que foram desenvolvidas as ações do PIBID), então eu fiz uma trajetória desse artigo que eu fiz desde o início das observações do espaço físico do colégio, até as oficinas que foram colocadas para os alunos da rede pública, onde aconteceu a [...] a apresentação das oficinas temáticas na UFS numa escola de verão que teve, depois os alunos tiveram as oficinas temáticas reapresentadas no (professor cita colégio que forma desenvolvidas as ações do PIBID) contraturno que foi no sábado e que todas as turmas foram envolvidas, na participação, juntamente com outras oficinas temáticas que não era do grupo do colégio que trabalho, então, foi o maior leque de oficinas temáticas que foram apresentadas e teve as oficinas temáticas que foram apresentadas dentro do horário de sala de aula, que esse foi o principal objetivo da proposta do PIBID na vivência do PIBID, dentro da sala de aula dos alunos, participando daquela experiência que era apresentação do conteúdo, [...] um reforço da aprendizagem do aluno ao que foi desenvolvido, então tudo isso eu escrevi dentro do meu artigo que (professor cita o nome do coordenador de área) pediu, para que também fosse material a ser colocado nesse edital de 2018, isso aconteceu no final do projeto, além do relatório que eu escrevi, eu também escrevi esse artigo contando basicamente toda a vivência.

E: Fale um pouco como foi o seu envolvimento na participação das reuniões coletivas.

PS3: Sempre foi aberta para todo mundo, desde os bolsistas quanto os supervisores, estavam sempre conversando porque (professor cita o nome do coordenador de área) sempre fazia o intermédio de tudo, sempre pedia opinião, fale sobre isso professor (professor cita seu nome), fale sobre isso colega (professor cita o nome de um supervisor), fale sobre isso bolsista digamos, João, Maria, ele sempre pedia para se envolver dentro da discussão que era trabalhado na reunião coletiva, ele sempre intermediando e a gente sempre trabalhando com as nossas opiniões que eram pedidas dentro do debate do que estava sendo colocado em prática nas reuniões coletivas, inclusive na apresentação do conteúdo de química dos alunos, a gente sempre tinha falas posteriores da apresentação para dá um conselho, indicar um erro para corrigir aquele erro que eventualmente foi produzido durante aquela apresentação, também elogiar os materiais que foram produzidos, sempre ocorreu uma voz ativa dos supervisores e também dos pibidianos que também assistiam as apresentações dos seus colegas e também podiam opinar sobre o que foi apresentado.

E: Fale um pouco sobre o seu envolvimento na escrita do diário individual.

PS3: Eu participei apenas de algumas escritas das reuniões coletivas, porque esse diário, ele ficou para ser entregue a um bolsista que iria fazer essa análise dos diários e essa logística de entregar os diários, as vezes atrasava por algum motivo, então por isso, nem sempre eu conseguia fazer anotação nesse diário, porque essa logística de pegar o diário e satisfazer a análise do que tinha escrito no diário pelo aluno bolsista e pelos três supervisores ela nem sempre era acessível ao retorno desse diário. Então, nem sempre as reuniões coletivas a gente tinha os diários em mãos para fazer a transcrição.

E: O que você poderia apresentar de destaque em relação ao efeito do PIBID na sua formação?

PS3: Os materiais que foram produzidos, esse ano infelizmente não foi possível eu trabalhar com métodos diferentes em que o PIBID me proporcionou durante o edital de 2018, porque infelizmente esse ano, foi um ano pandêmico, mais eu queria já, aplicar umas metodologias que eu aprendi com a experiência dos alunos bolsistas e com o coordenador que área que foi o (professor cita o nome do coordenador de área), então, algumas metodologias eu queria trazer para as minhas aulas, não incisivas, porque não tem como, porque existe uma demanda na rede estadual. Esse ano não foi possível foi um ano pandêmico em que as aulas estão sendo remotas é uma experiência nova mais não muito boa, mais ficou muito pra mim em relação ao que foi produzido no edital de 2018

no PIBID na minha formação e em algumas metodologias que eu pretendo sim, aplicar como professor da rede pública de ensino.

E: Realize uma avaliação crítica sobre a sua participação no PIBID e sobre a forma que as atividades foram desenvolvidas.

PS3: Entre os supervisores (professor cita o nome de um supervisor) em formação da área de graduação em químico, depois ele fez um mestrado, depois ele fez um doutorado e ele por ser dessa geração mais nova ele tem uma vasta produção de material em educação que permitiu a ele inclusive de produzir ou de ter uma certa facilidade em fazer a produção de um material em que eu por exemplo, devido a minha formação que eu tive lá atrás, eu não tenho esse tato para produzir um material assim científico, na hora de fazer teorias, colocar citações de autores, colocar a minha opinião ou mostrar a fala de algum outro autor, eu tive muita dificuldade em elaborar esse material, porque eu nunca trabalhei na parte em ensino de química em momento nenhum da minha formação, na graduação e nem depois que eu entrei na rede estadual, eu tive essa dificuldade no final do edital na parte da escrita desse artigo eu quero crer que pra mim, eu deva fazer essa correção ou essa evolução no momento presente que eu já tenho experiência na produção de um material, na produção de um artigo, mais eu tive essa dificuldade pela falta de formação que eu não tive nessa área na minha graduação. Eu tive até que pedir ajuda, eu citei o nome de (professor cita o nome de um supervisor) porque eu pedir ajuda a ele para produzir esse material, além de (professor cita o nome do coordenador de área) que ele fazia a correção, eu mandava o material aí ele voltava, me entregava para corrigir isso aqui, [...] isso aqui, mais também pedir ajuda ao meu colega (professor cita o nome de um supervisor) a minha crítica em relação ao edital passado foi nessa parte final do projeto que eu tinha essa dificuldade, eu nunca vivenciei essa experiência de produzir um material ou de produzir um artigo. Espero que nesse edital agora, eu não tenha essa dificuldade, como eu disse, eu vivenciei já uma situação anterior, então, eu já tenho um ponto de partida.

E: Quais os principais aspectos positivos e negativos em relação as atividades desenvolvidas no PIBID?

PS3: Positiva pra mim, foi a construção do material, eu acho que o material produzido não se beira a perfeição, porque nem tudo é perfeito, mais foi um material que para você pontuar algum erro, ou alguma falha tem que ser muito criterioso, então, eu gostei muito do material que foi produzido das oficinas experimentais, das oficinas temáticas na verdade, o nome correto é esse. O material foi muito bem construído, não foi uma coisa

repentina, foi uma coisa que demorou um processo, então é um aspecto positivo que eu tenho do que foi produzido no PIBID no edital de 2018. O negativo que eu possa citar, por exemplo, dentro dessas oficinas temáticas que foram [...] produzidas, não seria negativo, mas eu diria que foi algo desafiador ainda, que é a dosagem do tempo e esse tempo sem está em sala de aula, não é uma crítica mais é um desafio que ainda precisa ser lançado para que os alunos comecem a se situar na apresentação da produção da oficina temática em sala de aula. Porque o horário de aula ele é muito corrido e a gente tem que ter esse controle, realmente, porque as vezes você tem algo para apresentar naquela hora e você nem sequer faz [...] ou chega na metade do que você queria apresentar, porque aparece n coisas dentro da sala de aula, é o aluno que conversa, é o aluno que distrai, é o aluno que pergunta mais de uma vez sobre uma coisa que ele achou interessante e aí ele quer entrar mais adentro do assunto essa parte é, não é uma crítica mas é um desafio que a gente tem que buscar saber dosar o material produzido com o tempo que é dado para ele ser apresentado.

E: Após participar do PIBID você sente ou já sentiu necessidade de mudar a sua prática docente?

PS3: Eu diria que mudar, mudar, mudar muito não né? Porque como eu disse o sistema está em nossa volta, são metas, são avaliações que tem que ser colocadas daquela maneira as vezes tradicional, mais o que é que pode fazer ou sempre tem que fazer é vivenciar uma coisa nova, como eu disse a você eu quero aplicar novas metodologias em sala de aula baseadas nessa experiência que eu tive com o PIBID, assim que for possível, assim que acabar com essa pandemia, porque o que foi produzido de metodologias elas vão contribuir para o desenvolvimento da minha formação e no aprendizado do aluno. Então, isso eu quero inserir se for possível dentro do contexto burocrático que existe na rede de educação de ensino.

E: Qual o seu olhar sobre as atividades que foram desenvolvidas em sua escola?

PS3: Foi um olhar positivo, que basicamente as atividades que foram desenvolvidas na escola, elas foram direcionadas para que atendessem, toda a clientela do Ensino Médio, então, existia atividades produzidas, com conteúdos do 1º Ano do Ensino Médio, do 2º Ano, do 3º Ano e mesmo que aquela atividade fosse desenvolvida em uma turma que não fosse daquele conteúdo mais existia uma oportunidade de fazer um entrelaçamento, com conteúdos daquela série distinta, com conteúdos que estavam sendo colocados nas oficinas temáticas, eu achei um aspecto super positivo no desenvolvimento das oficinas dentro da rede de ensino do Ensino Médio na escola.

E: Se tivesse que sugerir algo para ser modificado nas ações do PIBID o que seria?

PS3: Não. [...] Particularmente o que eu vivenciei em relação ao edital de 2018, não tem muita coisa o que mudar não. O que se tem de mudar para mim, por enquanto é basicamente, novas oficinas temáticas com novas ideias, novas carências que os alunos podem oferecer ou de ideias partindo de nós supervisores também, para que o desenvolvimento de um certo conteúdo, dentro de uma nova ideia para gerar uma oficina temática, então, isso aí é o que eu tenho a propor para modificar, mais a engrenagem em si eu não tenho muito com o que questionar não, a não ser o que está acontecendo atualmente, que eu poderia ter sugerido, mais não precisou, que é justamente, a anotação do diário de cada reunião semanal talvez, isso eu poderia propor, mas já está acontecendo com o edital atual. Mais no mais não, só novas ideia, novas oficinas temáticas, novas carências que os alunos podem ter em relação ao conteúdo.

E: Existe algo que deseja acrescentar que considere relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa?

PS3: No momento, não me passa nada muito bem pela minha cabeça não, que eu possa acrescentar alguma coisa a mais em relação ao que está sendo desenvolvido não. Mais no momento especialmente, não tenho nada a acrescentar não.

E: Então, professor! Agradeço mais uma vez a sua participação, muito obrigada! Tchau!

PS3: Por nada, tchau!

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: _____

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao (Departamento de Química Campus Itabaiana (DQCI)).

Eu, (_____),
portador da Cédula de identidade, RG _____, e inscrito no CPF/MF _____
nascido(a) em ____ / ____ / _____, abaixo assinado(a), concordo de livre e
espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo (Título do trabalho).

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico.
- III) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- IV) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa
 - () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 - () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Colaborador _____

Testemunha: _____

Nome / RG / Telefone

Responsável pelo Projeto:

Telefone/e-mail para contato: